

Os processos bárbaros da colonização portuguesa em Africa, a sua defesa na S. da N. e a subserviência e venalidade alguns negros

Um relatório que um professor americano de nome Ross apresentou à Sociedade das Nações causou um certo pânico no mundo oficial português e nos meios coloniais. Porquê esse pânico? Porque o relatório continha verdades, concluiu por aquilo que toda a gente de bom senso conclui: existe escravatura nas colónias portuguesas. É possível que o relatório do professor Ross contivesse inexactidões de detalhe, mas na generalidade está certo.

A verdade é dura e custa muito a impor, principalmente quando tem por adversários indivíduos que tentam negá-la por patriotismo mal compreendido ou por mesquinho interesse e venalidade.

O relatório do professor Ross foi levado à 6.ª assembleia da Sociedade das Nações mas as observações que lhe fez a delegação portuguesa inutilizaram-lhe os efeitos. A Sociedade das Nações, composta por países, como Portugal, coloniais e reus do mesmo crime, não podia reconhecer como verdadeiras as acusações do sr. Ross. No dia em que se reconhecerem essas verdades, a França, a Inglaterra, a Itália, a Bélgica e a Espanha, que cometem nas suas colónias barbaridades idênticas às que cometem os portugueses, não ficarão em bons lençóis. As verdades do sr. Ross caíram numa assembleia de cúmplices do mesmo crime—por isso a brilhante defesa da Delegação de Portugal foi tão bem sucedida.

O governo português passou um mau bocado mas salvou-se. Soube comprar a consciência de alguns negros que sabem muito bem que a escravatura é exercida nas colónias portuguesas. Uma delegação composta por dois pretos (o dr. Miguel Machado, roceiro e, portanto, cúmplice dos brancos na exploração dos negros, e o suposto dr. João de Castro, que tem no seu passado afirmações de rebeldia e acusações graves contra a escravatura) foi daqui, de Lisboa, subsidiada pelo governo português, com o recado encomendado

afirmar em Genebra, no Congresso Internacional da Liga Pró Progresso dos Indígenas, que Portugal tratava os pretos com humanidade.

O golpe foi de efeito: quando dois negros dos mais negros, representantes do Partido Nacional Africano, que tem timbre vermelho nos papéis de officio e de quando em vez pretende assustar os governos com uma suposta organização negra em Africa, afirmam à Europa que os pretos são maravilhosamente tratados pelos portugueses—que há de dizer depois a Sociedade das Nações?

Não tratou a delegação portuguesa à 6.ª assembleia da Sociedade das Nações de inquirir da qualidade dos delegados. Serviu-se desse depoimento suspeito—porque lhe servia—e apresentou como imaculada a alma das autoridades portuguesas que em Africa permitem, quando não ajudam, todo o fiel explorador a escravizar uma raça.

E a acobertar os crimes da colonização portuguesa aparece também uma Liga Africana, constituída por pretos e mulatos que, pelo facto de serem bem tratados na metrópole, não deviam facilmente esquecer o sofrimento da sua raça, a jurar fidelidade à pátria portuguesa, a defender o Estado português, a colonização portuguesa que vem explorando e dizimando há séculos, ora à ponta de espada e a golpe de cavalo-marinho, ora a tiro de canhão, uma raça que tem direito a ser livre como todas as raças.

A subserviência rasteira, a fidelidade canina dos negros que, em nome da sua raça sofrendora, redigiram e assinaram esse documento vergonhoso que apareceu há dias nos jornais não-de um dia ser apreciada pelos historiadores da colonização portuguesa em Africa. A atitude desses negros que, por um patriotismo inconcebível, vêm defender de acusações verdadeiras, uma pátria de empréstimo da qual só deviam ter motivos de desafre-

ta—envergonha todos aqueles que tendo na pele a mesma cor dos que, tombam no continente africano, sentem, embora estejam confortavelmente instalados na metrópole, o sofrimento dos seus irmãos de raça.

O documento da Liga Africana é um documento de traição! A Delegação de Portugal à 6.ª assembleia da Sociedade das Nações fez, sem citar o nome, alusões desprimorosas à A Batalha—porque A Batalha tem sido o único jornal que com independência tem atacado, em nome da humanidade ofendida, e não apenas em nome duma raça, as violências da colonização portuguesa em Africa. Afirmou a referida delegação (que é constituída pelos srs. Freire de Andrade e dr. Afonso Costa) que este jornal é inspirado por Moscúvia e que deve a sua existência aos soviets russos. Esta calúnia vil tem de ser desmentida pela delegação, porque nós não a deixaremos passar em julgado.

A Batalha, como toda a gente sabe, não é inspirada por Moscúvia e deve a sua existência ao esforço do proletariado português—e a mais ninguém. Tampouco a pessoa que escreve estas linhas e tem escrito os anteriores artigos referentes às questões coloniais, comunga nos princípios de Moscúvia.

O que A Batalha não quer é sentir o remorso de colaborar numa política colonial bárbara, como a que o Estado português vem fazendo há séculos. Sabe que não conta na sua campanha humanitária, nem com as simpatias de certos patriotas que querem abafar a verdade, nem com os magnates que enriqueceram à custa da escravidão do negro, nem tampouco com o apoio dos dirigentes de Ligas e Partidos africanos, subservientes uns, venais outros. A Batalha conta apenas com o auxílio dos factos eloquentes que tem relatado e com a sua consciência recta—para fazer triunfar a Verdade e a Justiça.

Notas & Comentários

Um candidato?

Escreve-nos um indivíduo cujo nome não vem para o caso uma carta da qual extraímos os seguintes períodos:

...A minha candidatura a deputado não se baseia em nenhuma dessas ardilosas e vergonhosas mentiras que são a moeda corrente em circulação nos discursos de propaganda eleitoral. Eu não quero governar os outros, quero governar-me à sua custa. Não pretendo criar nos meus eleitores a ilusão de que vou defender os seus interesses. Quero defender os meus. Ainda haverá parvos que acreditem nos que falam uma linguagem contrária à minha...

O autor desta carta ou é um troicista ou um doído. Então uma candidatura feita com essa sinceridade tem alguma probabilidade de êxito? Se quem nos escreve não é um troicista damos-lhe o conselho de recolher a penates pois que a política não se fez para os que não sabem disfarçar habilmente as suas intenções desonestas.

Cleptomaniacos

Nam estabelecimento da Baixa foi surpreendida uma senhora bonita e bem trajada, a furtar um relógio de biseuit. Esteve prestes a ir parar a uma esquadra, senão fosse o ter declarado que era esposa dum rico comerciante. Essa revelação foi o suficiente para o comerciante desistir da queixa. Não se tratava duma gatuna, mas sim duma pobre senhora atacada de cleptomania.

Se fosse uma mulher do povo teria ido parar à esquadra. Mas os que roubam desde os relógios ao nosso suor e à nossa vida, desde que pertençam às «forças vivas» são como a dama que quiz roubar o relógio, pessoas atacadas de cleptomania. E' devido a esses cleptomaniacos que o operário estorva de fome.

«Cruz Verde»

A corporação dos Bombeiros Voluntários da Ajuda—Cruz Verde—acaba de inaugurar o seu novo material que consta de uma auto-bomba, pronto-socorro, segundo socorro, ambulância, auto-maca e maca rodada. Este facto realmente importante tem enchido de natural regozijo os componentes dessa simpática corporação, que merecem aplausos pelo recebido do público, em ocasiões em que os seus humanitários serviços são necessários. Nós que pelos bombeiros, que arriscam desinteressadamente a sua vida pela vida alheia, sempre nutrimos viva simpatia, aproveitamos o ensejo para saudar nos Bombeiros Voluntários da Ajuda todos os que profissional ou voluntariamente se entregam ao honroso mister.

Um caso emovido

O apelo que fizemos a favor de uma criança orfã de pai e mãe que pretendia estudar e não tinha recursos para comprar livros alcançou o êxito que sempre alcançam os apelos de A Batalha. Além dos livros que Manuel Gonçalves Pedreiro logo prometeu dar e que já nos foram entregues, a Universidade Nacional de Instrução e Educação, instalada no S. U. Metalúrgico, enviou-nos os restantes. Um anónimo mandou chamar a criança comprando-lhe livros, cadernos, aparos, lápis e outros apetrechos escolares, entregando-lhe também cinquenta escudos em dinheiro. Enfim, já sobejam livros que podem ser utilizados por outra criança que esteja nas condições desta a que nos referimos há dois dias.

A Batalha apresenta a expressão do seu reconhecimento às entidades que tão generosamente acudiram ao seu apelo.

Ralharam as comadres...

Nada mais divertido do que ler, neste período eleitoral, todos os jornais políticos que pretendem vencer nas urnas. O mal que os partidos dizem uns dos outros é de espanto. Não sabem tratar-se sem de bandoleiros para baixo e de mistificadores para cima. Uma vez por outra descobre-se uma calva, levanta-se a ponta de um veu que encobre um escândalo e até, para melhor divertir o leitor desapoiado, se chega a desvendar casos da vida íntima de cada um.

Lettores, a aproveitar—agora que as comadres ralham—o momento para saber e guardar preciosas verdades. E' assim, mostrando-se as reciprocas misérias, que eles desejam impor-se ao respeito do povo e levá-lo confiante à boca das urnas...

Valha-nos isso...

A célebre «Madame Brouillard» que tanto brado deu em Lisboa, tendo o passado, o presente e o futuro das pessoas que na sua clarividência confiavam, teve os últimos anos da sua vida bastante atribulados. Ela que tanto cuidado punha na leitura da sina dos outros, decerto nunca se dera ao trabalho de investigar o seu próprio futuro. Parentes ambiciosos, dando-a por interdita, pretendiam apossar-se dos seus bens. Porém, a morte pôs termo à questão, indo a sua fortuna, que é de mil contos, para um predio da rua do Carmo, para a sua determinação testamentária, ao Hospital de Vila Real de Trás-os-Montes. Mal pensavam os clientes dessa vidente célebre que estavam contribuindo para uma obra humanitária quando lhe pagavam as curiosas baleias que ela lhes impingia com toda a sisudez...

Congresso radical-socialista francês

NICE, 15.—Sob a presidência de Herriot realizou-se hoje a primeira sessão do Congresso do Partido Radical-Socialista. Tomam parte nos trabalhos Poincaré, Caillaux, De Monzie, Schrameck, Borel, Balbos, Dufour e Durant.

Um vapor inglês assaltado na China

HONG-KONG, 15.—O vapor inglês «Fatsan» foi assaltado e saqueado pela tripulação dum canhoneira chinesa, comandada por um boquevisita, quando se dirigia de Cantão para Hong-Kong.

Faleceu o professor Sandow

LONDRES, 15.—Faleceu ontem o professor de cultura física Eugénio Sandow, na idade de 58 anos, famoso pela sua força.

A cela escura do Presídio Militar de Santarém é a maior das monstruosidades da democracia portuguesa!

O anacronismo do regulamento do Presídio Militar de Santarém tem a sua expressão máxima na cela escura, onde deixamos ontem o leitor. Destina-se este in-pace aos reclusos delinquentes e a sua austeridade é a vergonha dum regime de democracia, como aquele em que vivemos.

E' um cubículo de 2 metros quadrados de superfície, fechado por uma porta grossa, fortemente chapeada que lhe proscreve toda a luz e respiração. Estivemos ali alguns segundos, amavelmente encerrados pelo nosso guia, para gosarmos a sensação daquele suplício. Respirámos com dificuldade. Não se observa nem uma tenue claridade. Hermeticamente fechada, a cela escura não permite que o paciente respire nem que veja o sitio onde está. Quando carece de satisfazer as suas necessidades fisiológicas chama um dos guardas, que por sua vez o leva ao lugar próprio.

Quizemos conhecer a disposição regulamentar que permite semelhante monstruosidade. Foi-nos vedado, porque só o comandante goza o direito de a possuir. Todavia o nosso amável guia val-nos dizendo:

—Este edificio foi feito para penitenciária de mulheres. Por razões que não conhecemos, foi adaptado a presídio militar, em 1896, há 29 anos.

Como todos os estabelecimentos penais possui um regulamento que lhe elaborou na data da sua fundação e que até ao presente ainda não foi modificado. Esse regulamento prescreve, além das determinações que o senhor lá viu respeitadas, a facilidade do sr. comandante usar como castigo a cela escura, que há nos dois pavimentos, primeiro e segundo, que depois veremos.

Quando um recluso infrinja o regulamento, ao sr. comandante é-lhe permitido fazer encerrar na cela escura o delinquent.

—E por quanto tempo?

—O castigo pode estender-se a 15 dias... —Porém se a infracção for grave o preso pode ser privado da cama, e ficar em regime de jejum, isto é a pão e água...

O nosso amável interlocutor dispunha-se a prosseguir.

A uma nossa contração, desviou a conversa para o terreno da divagação...

Voltámos a examinar novamente o in-pace. Já inundado de luz, foi-nos permitido uma escanear a porta, foi-nos permitido um exame a todo o ele.

A cama de que o paciente em caso de infracção grave fica privado, não passa duma rede tarimba, com uma largura de cerca de meio metro, sem enxada, ou qualquer espécie de colchão. E' o único adorno de quarto...

Quando perguntámos ao nosso guia se ainda não pereceu ali nenhum recluso, respondeu-nos:

—Que me conste, ainda não morreu ninguém. Quando está algum preso na cela escura, todos os dias, ao sol posto, vem um médico examiná-lo.

Além disso o preso está, nos quinze dias, um dia no primeiro, outro no segundo pavimento. Isto é: muda de cela para poder resistir melhor...

O governo inglês persegue ferozmente os comunistas

LONDRES, 15.—Obedecendo às instruções recebidas do ministério do interior, brigadas de agentes da policia secreta fizeram vários arcos e buscas, simultaneamente, em diversos bairros de Londres, quando, em Albert Inkpin, secretário do Partido Comunista da Grã-Bretanha, John Campbell, editor do jornal «Workers Weekly», Harry Pollitt, membro da comissão executiva do Partido Comunista, Ernest Carl, organizador do Partido Comunista de Londres, Rust, secretário do partido de jovens comunistas e Hintringham, redactor principal do «Workers Weekly».

Esta manhã realizaram-se duas diligências idênticas, tendo sido preso o membro da comissão, executiva do Partido comunista, W. Gallacher, que se encontrava na Escócia, e T. Bell, outro dirigente do partido, em cuja residência foi apreendida larga quantidade de livros e documentos relacionados com a Terceira Internacional de Moscú e os recentes tumultos bolchevistas na China. Grande número de documentos idênticos foram apreendidos nas buscas passadas às sedes de todas as organizações comunistas.

O resultado das investigações e das buscas foi imediatamente submetido à apreciação dos altos funcionários da Justiça e do ministério do Interior, que deram de seguida o seu parecer, segundo o qual o Partido Comunista e os seus dirigentes se entregavam a uma conspiração contra a segurança da Coroa, dando ordens urgentes para que a investigação sobre as responsabilidades dos detidos prosseguia com todo o segredo que a lei manda.

As eleições

Do Sindicato Nacional dos Empregados do Estado pedem-nos a publicação do seguinte:

«O funcionalismo público resolveu concorrer ao próximo acto eleitoral fazendo eleger por todo o país candidatos seus ou quem se proponha defender no Parlamento um programa mínimo de aspirações da classe. Breve se realizará na capital e na provincia reuniões magnas para escolha dos candidatos.

Um manifesto será profusamente distribuído à classe e ao público.

Uma carta de alguns arsenalistas

Recebemos uma carta assinada por vários operários dos Arsenalos do Exército e da Marinha protestando contra o facto de se afirmar que a sua classe estava disposta a enveredar pelo caminho eleitoral. Confessam ter assistido, em seu nome pessoal, e não no da classe, a uma reunião política. As suas afirmações, porém, são da sua exclusiva responsabilidade.

—Mas o comandante não é benévolo? —Não o pode ser. Há correccionais que têm entrado 5 e 6 vezes na cela, por tantos delitos. Não há regeneração possível para esses estados mórbidos. Nada os corrige. Por isso o nosso comandante é austero...

«Quando vêm para aqui, é para cumprir o regulamento. Ele é severo, bem o reconheço. Mas se assim não fôsse, a disciplina rolaria por essas celas, sem se impor como convém a um estabelecimento penal. E isto que lhe digo...

Sempre solicito, o chefe dos guardas vai contando-nos episódios trágicos da vida dos presidiários, da sua tragédia e das virtudes de alguns. Refere orgulhosamente a disciplina existente no presídio e os seus efeitos no futuro dos presos...

Para que se apagassem em nós a sensação de desespero que estava imminente de explosão, o nosso amável guia faz-nos passar por um labirinto de corredores até que chegamos à escola de instrução primária, de ensino obrigatório para todos os presos e onde se procura fazer regressar à vida esses proscritos que uma infracção disciplinar arremessou para Santarém a cumprir uma sentença que os códigos militares impõem, quantas vezes, tão injustamente!

A escola referida não oferece como elemento de valor pedagógico uma referência particular. E' uma escola onde se ensina aos reclusos as 25 letras do alfabeto, onde se ensina a somar, a multiplicar e talvez a dividir.

Oferce aos reclusos um ensejo regular de conhecerem daquilo que foram privados na infância. Há duas categorias de alunos: os que sabem alguma coisa e os que não sabem nada.

Também os presos é-lhes ministrado um ensino quasi à força de martelo...

Se dão acataram o regulamento na parte que se refere à escola tem por destino a cela escura e por prémio o jejum...

Quando visitámos aquela dependência aguardava a nossa chegada um cabo de guardas e um recluso que sabíamos ser o contramestre da oficina de alfaiate.

Que concessão determinaria aquele preso a sua estada ali, quando em todo aquele lugubre presídio só um silêncio pesado nos rodeava, n'os fazia estremecer?

Era um recluso de exemplar comportamento e que há 7 anos vivia aquela vida de tragédia e de horror. O comandante é generoso para com ele e consente-lhe que estude, ligue se eduque, que saia dali, não um anormal como os seus companheiros de infortúnio, mas um homem.

Foi arremegado para ali por um delito relativamente ridículo, face da cobardia moral de que dão sobejas provas alguns militares da nossa época, da época em que se fazem abriladas e delas não se assumem responsabilidades!

Mas isto não vai dum facto, e o leitor conhecerá novos episódios daquela vida sinistra do presídio e também a odisséia deste infeliz presidiário.

A VITÓRIA DO CRIME!

Em Santarém realizou-se a morte do touro consentida pela cobardia das autoidades

SANTARÉM, 13.—Realizou-se hoje a corrida que havia sido largamente anunciada para fechar com dois touros lidados rigorosamente à espanhola, ou fôsse em pontas e este espectáculo era esperado com ansiedade por uma parte da elite dos aficionados, com curiosidade por muitos e com uma certa repulsa pela maior parte. Muitos lá foram com o único fim de ver se sempre seria possível levar a efeito uma terra com uma certa repulsa pela maior parte. Muitos lá foram com o único fim de ver se sempre seria possível levar a efeito uma terra com uma certa repulsa pela maior parte.

Este espectáculo era esperado com ansiedade por uma parte da elite dos aficionados, com curiosidade por muitos e com uma certa repulsa pela maior parte. Muitos lá foram com o único fim de ver se sempre seria possível levar a efeito uma terra com uma certa repulsa pela maior parte.

Afirmava-se que as autoridades, desde o Governo Civil aos regedores das freguesias da cidade, não consentiriam na selvajaria que tão antecipadamente se anunciava; que haviam de cumprir a lei, fazendo-a cumprir custasse o que custasse; mas outros, menos crédulos e mais experientes, afirmavam que a lei que proíbe a morte dos touros de lida e os decretos que proíbem as corridas em pontas, seriam tão facilmente cumpridos como aqueles que proíbem o jogo e como os que não permitem que se agrirem presos ou se lhes pretenda arrancar a confissão dos delitos ou supostos delitos a cavalo marinho.

Esperámos. De manhã soubemos que o governador civil, sem coragem para ficar no seu posto e assumir lealmente e nobremente as responsabilidades de uma selvajaria a lei que proíbe a morte dos touros de lida e os decretos que proíbem as corridas em pontas, seriam tão facilmente cumpridos como aqueles que proíbem o jogo e como os que não permitem que se agrirem presos ou se lhes pretenda arrancar a confissão dos delitos ou supostos delitos a cavalo marinho.

De manhã soubemos que o governador civil, sem coragem para ficar no seu posto e assumir lealmente e nobremente as responsabilidades de uma selvajaria a lei que proíbe a morte dos touros de lida e os decretos que proíbem as corridas em pontas, seriam tão facilmente cumpridos como aqueles que proíbem o jogo e como os que não permitem que se agrirem presos ou se lhes pretenda arrancar a confissão dos delitos ou supostos delitos a cavalo marinho.

De manhã soubemos que o governador civil, sem coragem para ficar no seu posto e assumir lealmente e nobremente as responsabilidades de uma selvajaria a lei que proíbe a morte dos touros de lida e os decretos que proíbem as corridas em pontas, seriam tão facilmente cumpridos como aqueles que proíbem o jogo e como os que não permitem que se agrirem presos ou se lhes pretenda arrancar a confissão dos delitos ou supostos delitos a cavalo marinho.

De manhã soubemos que o governador civil, sem coragem para ficar no seu posto e assumir lealmente e nobremente as responsabilidades de uma selvajaria a lei que proíbe a morte dos touros de lida e os decretos que proíbem as corridas em pontas, seriam tão facilmente cumpridos como aqueles que proíbem o jogo e como os que não permitem que se agrirem presos ou se lhes pretenda arrancar a confissão dos delitos ou supostos delitos a cavalo marinho.

O «milagre» de Fátima constitui uma criminosa especulação clerical a que urge pôr cõbro

A especulação religiosa que se está fazendo em Fátima demonstra bem a falta de escrúpulos dos jornais católicos ou semi-católicos como as *Novidades* e a *Epoca* e do resto dos pastores católicos. Não se trata de padres ou de jornais de convicções firmes e sinceramente religiosos, mas de comerciantes e negociantes da fé. A mistificação de Fátima é em tudo semelhante à mistificação de Lourdes: as mesmas aparções da «Virgem» e a mesma agia miraculosa numa terra onde as árvores morrem por a charneira ser árida.

O negócio é tentador. Lourdes dá incontáveis riquezas aos clérigos franceses. Os padres pretendem que Fátima seja transformada numa Lourdes para arranjar grandes proventos que aplicarão para os seus bolsos e de que destinarão uma parte às obras de restauração da fé, por meio da fanatização do povo.

Os governos publicanos têm auxiliado bastante esta mistificação. Uns proíbem a peregrinação, outros consentem-na, dando como resultado dessa atitude desigual o recrudescimento de fieis de ano para ano.

A igreja ainda não sancionou a aparição da Virgem. Por falta de provas? Não.

E' que a igreja não quer arriscar-se a um fiasco. Vai esperando pacientemente que a peregrinação a Fátima vá conquistando grande importância e só quando ela se convencer que o carapeta da Virgem está tão firme como o cimento armado é que aparece a reconhecer que do facto a Virgem apareceu; as provas que ela possui amanhã, são as mesmas que já possui hoje. Mas é que os peregrinos ainda não são em número suficiente e a confiança em volta de Fátima não é grande. Falta o ambiente. A grande maioria da população ainda não deu por Fátima e, provavelmente, não dará. Daí o receio da igreja e a sua habilidosa hesitação, a sua fingida neutralidade.

Por outro lado os padres vão tentando criar o ambiente aconselhando nas igrejas os fieis a irem a Fátima e vão para esse lugar sagrado dizer missas e roubar dinheiro aos peregrinos.

A negociata tem sido escandalosa, tão escandalosa que a *Epoca* já grita contra a venda de tanta imagem da Virgem, feita por uns crentes que metem todo o dinheiro nos seus bolsos e ainda não deram nenhuma percentagem para a fé.

Os padres têm praticado desumanidades revoltantes, aconselhando tuberculosos já bastante combalidos a fazerem grandes caminhadas a pé, apressando-lhes assim a morte. Este procedimento só é digno de canibais. Mas os interesses da igreja estão acima, muito acima mesmo da vida humana.

Em Santarém há um padre—o padre Formigão—que é a alma danada das peregrinações que ele realiza mensalmente, sempre ao dia 13. Este padre é professor do liceu Sá da Bandeira, servindo-se do tempo destinado às aulas para, em vez de ministrar aos alunos os ensinamentos a que é obrigado, os fanatiza, impingindo-lhes, com a maior seriedade que a «Virgem» appareceu em Fátima a três crianças. E' bom

que se saiba que essas três crianças desappareceram misteriosamente... Para onde teriam ido parar? Sabe-se lá: a vontade de Deus é onipotente...

O padre Formigão, editou um folheto sobre Fátima e tem feito grossos lucros com as peregrinações, reunindo assim, duma maneira feliz, o útil ao agradável... A *Epoca* irritou-se ontem extraordinariamente com os mendigos que aparecem no local e fazem grande concorrência à Igreja, devido às esmolas que recebem. Aquilo de Fátima não se fez para matar a fome a ninguém...

A invenção torpe, a mistificação vergonhosa de Fátima só prova que a Igreja tem sabido aproveitar a inação dos seus inimigos. E nós, que não confiamos nos chamados livres pensadores, descredenciados pela sua inépcia e pelo seu sectarismo, apelamos para o operariado a fim de que este, com a sua bela energia, saiba desmascarar esta burla em quanto é tempo. Se deixarmos os padres à vontade, por muito tempo, arriscam-se a sofrer grandes e perigosos dissabores.

Os assassinos de Piccini perante os tribunais

Os jornais italianos do dia 11 publicam o texto do discurso do procurador geral de Roma sobre o assassinato de Matteotti. Por ele se vê que a policia nada esqueceu para absolver certos criminosos e para preparar a absolvição dos outros.

Logo que o «dossier» seja comunicado aos advogados dos inculcados, a câmara das acusações decidirá. Nada prova que ela não se decida a favor dos cinco indivíduos que foram presos em Dumini.

No entanto acaba de ser organizado um processo que certamente vai também fazer barulho.

E' o dos assassinos de Piccini, que devem ter comparecido no dia 12 perante os juizes de Reggio.

Piccini, operário tipógrafo de Reggio e candidato maximalista às eleições do ano passado, foi assassinado alguns dias antes do escrutínio. Foi atacado pelos Camisas Negras três meses antes de Matteotti e morreu pelas mesmas razões que o deputado unitário: porque era um adversário acérrimo do fascismo.

No dia 23 de Fevereiro de 1924, dois rapazes apresentaram-se no seu domicilio, em Reggio, e convidaram-no, da parte duma pessoa sua conhecida, a ir à sede do jornal socialista a «Giustizia».

Ele hesita a princípio, mas um dos rapazes mostra-lhe a carta do partido socialista.

Piccini não voltou mais à sua habitação. Encontrou-se o seu cadáver numa rua, ao despoitar do dia. Pessoas que moravam ali próximas afirmaram ter ouvido seis tiros de pistola.

Seis indivíduos foram enviados para o tribunal, dos quais quatro por homicídio. Veremos também desta vez, uma dessas absolvições escandalosas em que os fascistas são vitoriosos?

O pessoal do Matadouro declarou-se ontem em greve de protesto contra uma iniquidade

O pessoal operário do Matadouro Municipal, cerca de trezentas criaturas, proclamou ontem de manhã uma greve geral de protesto contra a prisão do operário Manuel dos Santos, que é vítima duma torpe calúnia e vil acusação.

O trabalho paralisado, apenas foi abafado o gado necessário ao consumo dos hospitais. A greve é norteada por uma causa absolutamente justa.

Manuel dos Santos merece bem a solidariedade que os seus camaradas de trabalho lhe prestam. A policia, na sua faina de arranjar vítimas, entende que esse homem é o autor do atentado dinamitista de que foi alvo a residência do sr. Freire da Cruz. Incompetente para descobrir o verdadeiro criminoso, está empenhada em dar como dinamitista uma criatura cujo procedimento correcto não oferece dúvidas a ninguém, desde o operário mais humilde aos funcionários superiores do Matadouro. O agente que tem a seu cargo a investigação do crime chegou a afirmar que não queria ouvir as testemunhas de defesa, que em grande número se apresentavam, algumas que provam que o operário detido se encontrava em casa à hora a que se deu o atentado.

Além das «demarches» do pessoal ora em greve, que várias vezes enviou uma comissão ao governo civil, estiveram ali também reclamando a libertação do preso, o dr. Marques da Costa, presidente da Comissão Executiva da Câmara, o sr. Fernão Pires, vereador do pelouro dos matadouros, o inspector dos Matadouros, etc.

Além de se provar de uma maneira bem clara que Manuel dos Santos não foi o autor do atentado, acresce a circunstância de ser uma criatura sosegada e correcta por cujo comportamento toda a gente que o conhece se responsabiliza.

Estamos convencidos de que a libertação de Manuel dos Santos não poderá fazer-se esperar.

A guerra de Marrocos

Os franceses fortificam-se

FEZ, 15.—Os franceses fortificam as posições recentemente ocupadas e numerosos grupos de tribus de Beni-Mesguida e Branes têm apresentado a sua submissão.

O marechal Pétain vai brevemente a França dar pessoalmente conta ao governo da actual situação em Marrocos.

Mais um boato...

MELILLA, 15.—Segundo informações recebidas nesta cidade, os «djeballa» aprisionaram o chefe de Abd-el-Krim.

O chefe rifenho, que considera o irmão como seu sucessor ao sultanato de Marrocos, ordenou às tribus que o ponham imediatamente em liberdade, sob pena de enviar uma expedição militar de castigo.

PERSEGUIÇÕES

A odisséia dos presos do Caminho Novo

De José Gordinho, um dos operários presos na sua esquadra do Caminho Novo há cinco meses, recebemos o seguinte apelo:

A todo o homem de bem, a todo o cérebro que pensa, a todo o coração que sente, eu me dirijo nestas horas aflitivas em que agonizam uma morte lenta dezenas de seres humanos.

São decorridos cinco meses sobre a data que a polícia me prendeu, acusando-me de um delito que não cometi. Desde então, encerraram-me num buraco debaixo do chão, junto com outros companheiros e já mais se dignaram aclarar minha situação.

Daí para cá, temos sido tratados como animais da pior espécie, torturados, vexados ao ponto de não podermos resistir por mais tempo a essas torturas. No caso de continuarmos como até à data a ouvirmos com indiferença os nossos clamores, preferível é fuzilarem-nos.

E para que aqueles a quem me dirijo, avaliem bem quanto sofrem todos os indivíduos que se encontram há cinco longos meses nas várias esquadras encalouradas, vou pormenorizadamente contar alguns dos factos que têm ocorrido.

Estivemos primeiramente alguns presos, mais de 60 dias sem que pudessemos falar com qualquer pessoa de família. Em seguida, foi-nos concedida autorização para falar à família, uma vez por dia, sem que deixássemos, contudo, de estar num regime de incomunicabilidade, pois só falamos às visitas com sentinela à vista.

Quando qualquer preso reclama a presença do médico, por estar acometido de uma enfermidade, este não aparece. Não sabemos a quem atribuir as culpas neste caso, mas julgamos não poder atribuí-las ao médico, pois que a profissão que exerce não permite faltar quando requisitada a sua presença.

Outra tortura consiste em alguns dos presos dormirem sobre o asfalto, sem mais agasalhos, há mais de 4 meses!

Mas ainda não fica por aqui. Agora, que começamos já a sentir os rigores de inverno, com o frio que nos entra por todos os laços, entrou também em acção a chuva.

A água que aqui já abundava escorrendo das paredes, porque estas encontram-se cobertas de terra, agora vem contribuir mais para a nossa aflitiva situação, pois que entra abundantemente pelas frestas, pela porta, por uma janela que nem calhais tem, a pesar de estar bem revestida de grossos varões de ferro. Andamos constantemente em cima de água, que se encontra espalhada pelo calabouço, pois este não tem escoante, nem qualquer espécie de ralo. Sucede ainda, que em alguns dos dias as próprias visitas, nossas famílias, têm estado dentro de água, mesmo fora do calabouço, para conseguirem falar-nos.

Quando terminará tanta infâmia?

Quando se dignará o ministro do Interior definir uma situação que já há muito devia estar aclarada?

Não será já tempo, 5 meses de clausura nas esquadras em condições tão revoltantes, suficiente para o fazer?

Basta de tanto crime, basta de tanto cinismo, basta de tanta desmoralização!

Esquadra do Caminho Novo, 14-10-925—José Gordinho.

As mentiras do "Século"

O "Século", que desde o atentado ao sr. Ferreira do Amaral vem dando publicação às mais disparatadas atoardas, publicava há dias uma local sobre a prisão do manipulador de pão João de Almeida, informando os seus leitores de que este operário era um dos "legionários vermelhos" autor do atentado ao sr. Ferreira do Amaral.

Para se avaliar da verdade desta e outras notícias iguais, basta saber que o operário João de Almeida, encontrava-se à data do referido atentado no Porto, para onde foi dois meses antes. Como poderia aquele operário cometer semelhante atentado se ele se praticou em Lisboa e João de Almeida estava no Porto?

Aquele "Século" até consegue descobrir que do Porto, uma brownie, conseguiu atingir o comandante da polícia...

Mão de obra em Angola

Informamos da Arcada:

Foi já revogada a portaria do antigo governador geral interino de Angola sobre a questão da mão de obra negra colónia, passando os governos das nossas colónias a não terem intervenção alguma sobre os contratos dos indígenas para os trabalhos agrícolas e outros, senão na parte que diz respeito à fiscalização para o cumprimento desses contratos e sobre a forma do tratamento a dispensar aos indígenas, que terão toda a protecção do Estado.

petrada. A continência do chefe, voltando-se para o "inteligente", teve, para o pobre toiro, o mesmo significado que, para os condenados do circo romano, tinha outrora a inclinação do polegar dos Césares. Estava condenado à morte o misero e ignorante pascente das campinas imensas do Ribatejo.

O toiro foi covarde e estúpida e porca mente estoqueado pelo pateta-alegre que veio fingir de *espada*, ficando ainda com vida bastante para saltar três vezes à trincheteira e sair para o quintal perseguido pelos magafreiros que o pretendiam fazer morrer à facada, em plena praça, com grande prazer da *élite* escalabitana!

Houve protestos ruidosos contra a selvajaria, sendo até expulso da praça o nosso amigo Augusto Teixeira Barbosa a quem a polícia arrastou delicadamente para fora do recinto. Mas o povo honra-lhe seja!—o povo do *sol* não deixou de protestar ruidosamente e a *inteligência* que presidia ao destino daqueles pobres animais não consentiu na repetição da barbaridade.

A *sombra* queria ver morrer um touro mais. A *sombra* queria mais sangue; a *sombra* queria mais góso; mas o *sol* protestou e não lho consentiu.

Bem se esfolhou a S. P. dos Animais para salvar a vida ao pobre boi; mas não o conseguiu. Essa entidade tem existência oficial e são sempre de atender os seus justíssimos protestos. E quem é que os atende?

As autoridades?

Essas fogem. Foi o que sucedeu hoje, naturalmente foi o que sucedeu em Vila Franca de Xira no passado domingo e é o que sucederá em Lisboa daqui a pouco!

E que diz o governo?

Que diz o divinal Domingos Pereira?

Que diz esse modelo de democratas, essa *nata* da imparcialidade?

Como procederá ele agora para com os seus delegados?

L' o que fofaremos de saber.

Serra FRAZÃO

Os baldios de Tolosa

Transcreve-se a notificação

O prometido, devido. Eis a cópia fiel da notificação enviada ao povo de Tolosa pelo director geral de agrimensura:

«Ministério da Agricultura — Divisão Geral do Ensino e Fomento—Rua dos Anjos, 207, Lisboa—Divisão da Agrimensura—n.º 85—Ex.º Sr. Presidente da Junta da Freguesia de Tolosa.—Tenho a honra de comunicar a V. Ex.ª que tendo sido presente a Sua Ex.ª o Ministério da Agricultura a seguinte exposição: — «Direcção Geral do Ensino e Fomento — A Junta da Freguesia de Tolosa requereu, em 17 de Dezembro de 1923, a Sua Ex.ª o Ministério da Agricultura o levantamento por parte do mesmo Ministério da planta de uma vasta extensão de terreno denominado *Carvalhal de Tolosa*. Em 29 do mesmo mês foi o pedido deferido por Sua Ex.ª o ministro depois de ter sido dada por mim, como chefe de Divisão da Agrimensura, a informação de que, tratando-se de um baldio de logradouro comum, a pesar de não haver ainda lei que regule a divisão dos baldios desta natureza, não haveria inconveniente em proceder ao levantamento da planta, fornecendo o ministério o pessoal técnico para tal fim preciso e ficando a cargo da Junta todas as outras despesas, aguardando-se, para se efectuarem os trabalhos de divisão, a publicação de um diploma legal que o permitia.

Conhecido o despacho referido, a Câmara Municipal de Niza, em cumprimento de deliberação tomada em sessão do mês de Fevereiro do corrente ano, representou a Sua Ex.ª o ministro, contra o mesmo despacho, alegando que os terrenos de que se trata são baldios, mas propriedade particular de diferentes indivíduos, e em grande parte, do mesmo município, enviando juntamente uma relação, por certo incompleta, segundo se diz na representação, dos referidos proprietários. Nessa ocasião o Administrador do concelho de Niza oficiou ao Governador Civil de Portalegre, ponderando a grave inconveniente que resultaria para a ordem pública da divisão dos terrenos considerados. Esse ofício foi remetido, por cópia, ao ministério da Agricultura, fazendo parte, com a representação da Câmara, do processo respectivo, existente na Divisão de Agrimensura.

O governador civil associou-se também ao protesto da câmara e do administrador de Niza, em ofício dirigido ao ministro. Em virtude do conhecimento destes factos e do intuito de conseguir informações precisas que habilitassem o ministério da Agricultura a formar uma opinião segura sobre a natureza dos terrenos do Carvalhal, oficiou em 10 de Abril, ao Conservador do Registo Predial de Niza, solicitando-lhe as informações seguintes:

1.º Se as 52 parcelas na posse dos indivíduos mencionados pela Câmara Municipal estão registadas nessa Conservatória, e em caso afirmativo, lá quantos anos;

2.º Se apenas essas parcelas constituem o Carvalhal ou se além delas há qualquer outra parte não registada em nome de qualquer proprietário.

A resposta a esse ofício foi recebida nesta divisão em 24 de Abril e ela consta existirem no Carvalhal baldios, registados naquela Conservatória em número superior a 73, muitos deles há mais de 30 anos. A segunda pergunta declarou o conservador não poder responder com segurança por ignorar a extensão exacta dos terrenos em questão. Em satisfação do pedido de informações mais detalhadas feito por esta divisão à câmara, esta, em ofício de 20 de Maio, produziu novos argumentos em defesa do seu ponto de vista já expresso na representação aludida.

Pelo exame minucioso deles e pelo do principal documento apresentado pela Junta, uma petição da mesma, presente no Juízo de Direito de Niza em 1873, para reconhecimento dos seus direitos aos pastos e arvoredos dos terrenos do Carvalhal e também pela leitura de mais algumas reclamações e documentos de interessados que têm sido enviados a esta divisão e fazem parte do processo respectivo, sou levado a concluir que não se trata de terrenos baldios, tornando-se impossível, consequentemente, proceder à sua divisão. Não competindo ao ministério da Agricultura, julgar dos direitos de posse ou propriedade, o que unicamente cabe ao poder judicial, os trabalhos referentes ao levantamento da planta do Carvalhal, só poderão ser iniciados se a Junta persistindo no seu intento, obtiver dos tribunais o reconhecimento da sua posse plena dos terrenos em questão, pelo que tenho a honra de lembrar a V. Ex.ª a conveniência de ser suspenso o despacho de 29 de Dezembro de 1923.—Direcção Geral do Ensino e Fomento, em 28 de Abril de 1924.—O chefe da divisão—(a) António Goulart Cardoso.

Sua Ex.ª exarou sobre a exposição acima transcrita o seguinte despacho: «Concordo.—7-6-24—(a) Joaquim Ribeiro. —Saúde e Fraternidade—Direcção Geral do Ensino e Fomento, em... de Junho de 1924: (a) António Goulart Cardoso.»

Leram com atenção? E não se riram da informação do administrador do concelho de Niza dada ao governador civil de que a ordem pública seria alterada por virtude da divisão dos baldios pelo povo de Tolosa, que são deste e de mais ninguém, por muito que pese ao sr. Goulart, ao ministro, à Junta de Paróquia, à Câmara Municipal de Niza e aos proprietários usurpadores...

Avante, povo de Tolosa! Lembra-te que só tu tens razão e que se em Portugal houver ainda uns restos de justiça, o Carvalhal será teu—porque é teu... Não desanimas e anda para diante!

Abel PAIVA

O convénio de Moçambique

As suas negociações serão secretas?

O alto comissário de Moçambique, enviou um telegrama ao ministério das Colónias comunicando ter chegado a Lourenço Marques o primeiro ministro da União Sul Africana, acompanhado de mais três ministros, sendo recebidos com todas as honras devidas aos seus altos cargos. Depois da recepção no palácio do governo, onde ficaram hóspedes, iniciou-se os trabalhos da primeira sessão referentes às negociações para o novo convénio entre Moçambique e a União Sul Africana, cujos preliminares já em tempo hávido tratado com o referido governo e os delegados para esse fim nomeados pelo alto comissário de Moçambique.

O governo entende que todas as actuais negociações deverão ser consideradas secretas, tencionando na devida oportunidade dar a público o resultado das mesmas negociações.

Contra a guerra de Marrocos

Um enérgico protesto dum democrata francês

Os chefes da democracia francesa manifestam, de há alguns meses para cá, a sua simpatia pela guerra do Rif. Estes pretendem falar em nome dos militantes que representam. No entanto, quasi todos os dias, lá aparece um ou outro que é de opinião contrária.

Hoje referir-nos-hemos às secções da Liga dos Direitos do Homem que lavram o seu veeamento protesto. A leitura do último número dos seus *Cadernos* (n.º 20) demonstra o bem. O movimento produzido nos grupos locais foi de tal forma que o sr. Reynier, de Ardèche, teve que publicar, em nome da oposição, um artigo de oito páginas.

Este militante expõe, primeiro que tudo, o princípio de que, para um povo como para um indivíduo, o direito à vida é a base de todos os outros direitos e que esse direito foi violado pelos franco-espanhóis em detrimento dos rifenhos. Demonstra a seguir que o que se apresenta como uma luta entre nações, não é mais do que um conflito de interesses privados e acentua que só o operariado até agora é que se tem erguido contra a guerra.

Falou-se de atrocidades marroquinas, diz. Eu apenas vejo a violência dos franceses destruindo os mercados indígenas. A diplomacia secreta continua a existir e os franceses apenas tiveram conhecimento das negociações com a Espanha, pelas indiscrições chegadas deste país.

Se quisermos falar nas causas da guerra, nota-se uma grande falta de senso quando se fala nas «agitações bolchevistas». A origem da guerra deve basear-se simplesmente no avanço de Lyautey e na «vontade dos militares»... A França foi tanto atacada em Ouergha, como o foi pelos ingleses na Tâmis. E se faz uma oposição tenaz à independência do Rif é porque, para os outros povos, isso seria um mau exemplo.

Nota-se pois que o protesto de Reynier (que deseja a participação da Liga D. H. no Comité de Acção) é bem fundado.

Esperemos que a sua voz não fique isolada.

Liga Nacional de Defesa dos Animais

Reuniu extraordinariamente o Conselho Directivo e Administrativo desta Liga, para tomar deliberações acerca da grave infracção praticada em Vila Franca e Santarém, onde as leis da República foram calçadas e afrontada a opinião pública com o deplorável espectáculo de touros de morte, realizados até na presença de pessoas que estão indignadas para representantes futuros do país no parlamento.

A Liga resolveu continuar numa acção constante e permanente, dentro de todos os meios legais, para defender os princípios de humanitarismo e da civilização gravemente ameaçados em Portugal por uma minoria de pessoas inconscientes e retrógradas, para quem a crueldade não dispersa sentimento algum de compaixão e tendo em atenção que o governo, já pelo decreto sobre a proibição do aguilhão já por outras instâncias que tem provido para defesa dos animais, não pode de forma alguma ter autorizado infracções às leis como a que tanto alarrou a opinião pública com os tristes sucessos de Vila Franca, reconhece que as autoridades, em grande parte não cumprem as leis e as determinações do governo, fazendo o que muito bem lhes apetece, visando menosprezo do prestígio do governo da República.

Nesta conformidade esgotados todos os meios de reclamação e protesto, resta apelar para a opinião pública dando ao governo todo o possível apoio moral, ajudando-o a manter o prestígio das instituições, tão abalado pelo abuso da parte das autoridades, que urge substituir e punir.

A Liga tomou outras deliberações acerca deste assunto que breve serão do domínio público.

Queixas e reclamações

Na Cadeia Nacional de Lisboa

O recluso 321 da Cadeia Nacional de Lisboa, Augusto Farinha, numa carta que nos enviou conta-nos o seguinte:

«Estou a trabalhar de ferreiro por conta do arremetente Pinhão, há três anos. Ontem fui intimado a ferrar uns machos o que obedeci com prontidão, observando apenas que era melhor realizar esse trabalho à noite, a fim de não perder meu dia. Além do mais não pagarem esse trabalho, ainda fui metido numa cela, rigorosamente incomunicável, por motivo que ignoro. Estes atropelos não são do conhecimento do director desta cadeia, o que me leva a solicitar ao senhor redactor a fineza da publicação desta.»

Al fica o pedido, na parte que tem interesse público.

Uma farmácia que não cumpre a lei

Precisando na passada terça-feira às 21,30 horas, um nosso camarada obter determinado medicamento, dirigiu-se à farmácia de serviço nocturno mais próxima do local onde reside — farmácia Luso-Brazileira, da praça de S. Paulo. Chamado repetidas vezes, tendo mesmo atraído a atenção de várias pessoas que no local passavam, sem obter resposta. Em vista deste desrespeito à lei e ainda às consequências que esse desrespeito pode causar, pediu o nosso camarada aos srs. Manuel José Vieira e José da Silva Couto, que passavam na ocasião, para testemunharem este caso, para o qual chamamos a atenção das entidades competentes, pois como esta há muitas outras farmácias que não cumprem a lei.

Luis CORTEZ Médico

COLISEU

Hoje - A's 21 horas (9 da noite) - Hoje

O MAIS SENSACIONAL E EXTRAORDINARIO ESPECTACULO DA

Grande Companhia de Circo

Entrada geral, 3500; Fauteuils a 8500; Camarotes a 40500

DOMINGO — GRANDIOSA MATINEE

Caminhando para a perfeição

O alcoolismo deve ser atacado no seu início

Vejam os que se tem feito para acabar com o alcoolismo:

Como sempre, o remédio tem-se pedido à lei, porque os homens guardam o culto supersticioso desta, como o selvagem mira o seu fetiche, sem compreender sequer o valor do seu próprio esforço (Quirós).

O fracasso das leis fez pensar em medidas indirectas. Vieram os impostos cada vez mais crescidos, sobre a fabricação e venda do alcool. Vieram os monopólios do Estado ou das sociedades de temperança, e nos países mais atacados organizou-se, energica e inteligente, a grande propaganda anti-alcoólica para a cura de alcoolizados em asilos especiais, já numerosos no mundo e para a prevenção do mal terrível (Quirós).

Porém, quantos remédios tendam a impedir ou limitar o consumo do alcool, não surtirão tal efeito, se não se ataca a causa que o torna apetecível, melhorando as condições de existência, elevando a vida moral e intelectual das multidões (Quirós).

Como se vê, Quirós dá-nos bem a noção certa de que os regimes capitalistas são incapazes de acabar com o alcoolismo e que só uma sábia, honesta e humana educação dos componentes da sociedade humana, poderá conseguir acabar com um dos maiores flagelos da humanidade.

Efectivamente, o alcoolismo não é coisa de hoje nem de ontem, porque já Hipocrates curava os alcoolicos, cinco séculos antes da nossa era.

Platão, Aristoteles, Plutarco também se occuparam do mesmo vicio. O ultimo, principalmente, assinalou a degeneração que se manifestava nos filhos dos alcoolicos.

Embora a embriaguez se castigasse com extraordinária dureza, naquela época, o vicio aumentava.

Dracen castigava a embriaguez com a pena de morte e Salom applicava esse castigo só aos funcionários do Estado surpreendidos ebrios e não permitia a venda do vinho sem água. Porém essa pena, no dizer de Aristoteles, aumentava o vicio em vez de o atalhar. Bem sei que a luta anti-alcoólica feita por higienistas e por outros esbarra, nos desumanos regimes capitalistas, na politica reles, não só o medo de desagradar ao ladrão eleito que vende o terrível veneno, como também por constituir uma fonte de receita publica! E' até onde pode chegar a ignorância, a maldade e a selvageria, isto com rarissimas excepções. Bem sei que Carnegie, o rei do aço, dá mais 10% do salario aos operários que se abstem do alcool, pois que ele avalia que a qualidade e quantidade do trabalho dos abstinentes vale mais de 10% que o dos não abstinentes.

Tanto hoje, como o capitalismo, como no futuro, como o humanitarismo, só podemos contar, na luta anti-alcoólica, com um unico meio e esse é a educação.

Na verdade, no estado actual pode calcular-se o que sucederia a um ministro, a um governo, ao parlamento, se mandassem encerrar todos os estabelecimentos em que se vendem bebidas alcoolicas, se limitasse ao minimo a cultura da vinha, isto é, cultivá-la, apenas, em terrenos que não servissem para pão, cereais, azeite, flores, etc. ou de cultura de qualquer outro genero de utilidade para a vida humana e sem o perigo do terrível veneno; se vigiassem constantemente todas as adegas e depósitos de vinho.

Portanto, não atalhando o mal nos seus inícios, como o não tem conseguido os regimes capitalistas, inútil se tornam quasi todos os meios praticados até hoje.

E' a educação feita nas escolas, nas oficinas, nas fabricas, nas confraternias populares, nos congressos, etc., que teremos de recorrer para debelar o terrível flagelo. O cinematografo que apresente o flagelo com as suas terriveis consequências para o individuo, para a familia, para a sociedade; mostrem-se quadros em que o escolar, o operário, o trabalhador do campo, o próprio funcionário publico seja impressionado por esta terrível manifestação de fraqueza humana.

Quem conheça bem qual a ordem por que se classificam as diferentes nações, em relação ao seu progresso e civilização, poderá comparar com a ordem em que se classificam, em relação ao seu consumo total das bebidas alcoolicas, pelo seguinte quadro:

Cada habitante bebe alcool (a 100%)

Países	Litros
Francia.....	14
Bélgica.....	10,50
Alemanha.....	19,50
Ilhas Británicas.....	9,25
Suiza.....	8,75
Holanda.....	6,60
Estados Unidos.....	6,25
Suécia.....	4,50
Noruega.....	3
Canada.....	2

Ainda mais frisantes são os seguintes quadros:

Nações em que o consumo do alcool (a 100%) aumenta:

I—Francia	1830... 1,10
	1894... 4,04
	1898... 4,54
	1903... 3,80
II—Bélgica	1835-40... 3,6
	1893-94... 4,7

Luis CORTEZ Médico

TIVOLI

TEL. N. 5171

ÀS 8 3/4 h.

A AVÓ

Comédia dramática em 7 partes

com Berthe Jalabert, Genoveva Felix, Constant Remy e Sylvio de Pedrelli

HAROLD, NETO AMIMADO

Comédia em cinco partes, com HAROLD LLOYD

Uma cine revista

Os interesses dos ferroviários

Realizaram-se ontem várias "démarches" da Federação

A comissão executiva entrevistou-se ontem com a direcção da fiscalização dos Caminhos de Ferro, conselho da administração da Companhia da Beira Alta e o dr. sr. Carvalho Santos, delegado do governo junto daquela empresa.

Com a primeira destas entidades, tratou do desrespeito ao horário de trabalho nas diferentes rdes, nomeadamente nas linhas reduzidas tendo a comissão sido informada que a Companhia de Beira Alta ainda não havia respondido devidamente aos officios enviados por aquela Fiscalização sobre o assunto, o que ia ser recordado para o mesmo ser apreciado definitivamente.

Também pela comissão foi ventilado o caso de não se ter verificado o cumprimento do referido horário para com os continuos e serventes da Companhia Portuguesa.

Com as duas ultimas entidades, tratou da questão das reclamações e perseguições aos funcionários da Beira Alta, devendo por estes dias effectuar nova entrevista com o dr. Carvalho Santos.

Com os ministros do Comércio e Trabalho procurará a comissão avistar-se por estes dias, também pelo motivo do não cumprimento do horário nas linhas do Estado.

A Companhia da Beira Alta já foi determinado o depósito na Caixa Geral dos Depósitos da respectiva percentagem sobre a receita, de conformidade com o decreto 9551 de 17 de Março de 1924, que trata da assistência aos ferroviários tuberculosos.

Comissão Pró-regresso dos Deportados

A fim de evitar errados juizes acerca das funções que a esta comissão estão atribuídas, declara-se para os fins convenientes que não pertence à mesma comissão receber quaesquer donativos, visto que, como indica a sua denominação, esta comissão só tratará da propaganda em prol do regresso dos deportados.

Para os efectos de solidariedade monetária, existe a comissão pró-presos por questões sociais, criada exclusivamente para esse fim.

A lei da rolha para os militares

Pela 5.ª repartição da 1.ª direcção geral do Ministerio da Guerra, foi ontem expedida a todas as unidades e estabelecimentos militares a seguinte circular:

«Sucedendo com frequência alguns militares trahem na imprensa assuntos de caracter politico ou militar, fazendo apreciações a procedimentos doutros militares e de forma que, por vezes, muito afecta a disciplina do exercito, contrariamente ao que claramente se acha estabelecido nos deveres n.ºs 47 e 49 do artigo 4.º do Regulamento Disciplinar do Exército, pelos quais lhes não é permitido manifestarem de viva voz, por escrito ou por qualquer outro meio, ideias contrárias à constituição politica ou às instituições militares do Estado, offensivas dos superiores, dos iguais e mesmo dos inferiores, ou, por qualquer modo, prejudiciais à boa execução do serviço ou à disciplina, nem servirem-se da imprensa ou de qualquer outro meio de publicidade para darem conta do modo como desempenham as suas funções officiais ou para responderem a apreciações feitas a serviços de que sejam incumbidos, o ministro da Guerra manda chamar a atenção de todos os seus subordinados para a exacta observancia daqueles deveres e do artigo 5.º do Regulamento Disciplinar do Exército, cuja infracção deverá ser punida nos termos do mesmo regulamento e para o disposto na portaria de 4 de Maio de 1891, inserta na O. E. n.º 14 do mesmo ano, que deverá ser observada por todas as autoridades militares.»

A febre de prender

O "globe-trotter" António Inácio iniciou há tempos o circuito pedestre de Portugal em propaganda dos objectivos do grupo de salvaguarda marítima Vasco da Gama, do qual é chefe. Percorreu já 134 localidades e em todas recebeu das autoridades o auxilio que é uso conceder a estes pioneiros.

Porém ao chegar a Lagoa (Algarve), as autoridades capturaram-no, accusando-o de se apresentar como comandante geral dos escoleiros portugueses, quando não possui documentação que o ateste.

O António Inácio nega a accusação, garantindo numa carta que nos enviou, que sempre se apresentou como chefe do grupo Vasco da Gama, como os seus documentos provam.

QUEDAS

Na enfermaria de S. Francisco do Hospital de São José, deu entrada José de Carvalho, de 47 anos, carpinteiro, natural de Vila Franca de Xira e residente na calçada do Poço dos Negros, vila Saraiiva, porta 12 oja, que caiu próximo da residência fracturando uma perna.

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, foi pensado e recolheu a casa, José Pedro Lamas de 49 anos, marítimo natural e residente em Cascais que caiu de bordo de uma fragata fundeada em Alcântara, ficando contuso pelo corpo e ferido na cabeça.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Associação de Socorros Mútuos dos Empregados do Estado.—Na última reunião da direcção desta colectividade, foi presente um projecto de estatutos para a criação de uma caixa de sobrevivência aos sócios desta associação.

E' um trabalho bem estudado, o qual abrange todo o funcionalismo embora não associado, que revela a permanente preocupação desta direcção em promover as máximas regalias aos seus associados, chegando o seu excesso a pensar em todo o funcionalismo. Foi marcada a primeira reunião de assembleia geral, para apreciar o projecto de estatutos para o dia 4 de Novembro, pelas 21 horas.

Tudo o operário tem o dever de possuir esse livro

A educação moral da criança na família

Por Benoit Bouche—Tradução de Emilio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores, etc. vos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 5000, pelo cor. 5533. A venda nas livrarias "Pedidos" e Livraria Renascença, de J. Cardoso, e Palais de S. Paulo, 57-59—Lisboa

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Noticias

E' a 18 e 19 do corrente que a Companhia Lucilia Simões vai dar, na Figueira da Foz e em Coimbra, duas rdeitas, com o «Mar Alto», a tão discutida peça de António Ferro. Depois, Lucilia e Erico, e os artistas, ainda ausentes da sua companhia, regressarão a Lisboa, reparecendo a 23 do corrente em São Carlos, com a empolgante peça de Bernstein, «O Ladrão».

—O teatro Nacional reabrirá as suas portas na primeira dezena de Novembro, iniciando-se já na segunda-feira próxima a assinatura que abrangerá seis peças novas e uma reposição.

Reclames

Continua a ser o assunto de todas as conversações o magnifico trabalho executado por todos os artistas que compõem a grande companhia de circo que no Coliseu dos Recreios tem feito um desigualvel sucesso pela sua novidade e originalidade.

Hoje repete-se o formidavel programa, um dos maiores que ali se têm executado, estando os engracados «clowns» Fratelli Ferroni e Carpi a ensaiar novos intermédios cómicos para amanhã e para a matiné e espectáculo da noite de domingo.

—Peça cheia de situações e de grandes lances «O Saltimbanco», em scena no Apolo com um exito formidavel e absolutamente justo, tendo como principal interprete no protagonista, um artista enorme como é Alves da Cunha, e no principal papel feminino a illustre actriz Berta de Bivar. O seu exito está sendo feito pelo publico, desde o das camadas mais elevadas até ao povo humilde que enche todas as noites o elegante teatro. Repetindo-se hoje, é afirmar, antecipadamente, mais uma grande enchente a popular casa de espectáculos da rua da Palma, uma noite de applauso ao seu glorioso interprete.

Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5500.

</

'A Batalha' na provincia e arredores

Montargil

A crise de trabalho

MONTARGIL, 13.—E' bastante grave a crise de trabalho nesta freguesia. Vem-se já bastantes rurais sem trabalho, a pesar de o seu salário ser uma insignificância que não dá para o sustento de sua prole. Um trabalhador ganha diariamente 7 a 8\$00 e ferramenta é paga à sua custa. Os agricultores, dizem que não dão que fazer em virtude de terem vendido os seus cereais, principalmente trigo e ainda não terem recebido nenhuma importância, o que os inibe de começarem com os serviços de arroteios o que já evitava esta crise que pela primeira vez os rurais desta região, atravessam. Tem ido, comissões de agricultores a Ponte do Sôr para receberem as importâncias que lhe são devidas. O celebrário sr. Fontes, gerente da Sociedade Industrial de Moagens, responde-lhes que não tem dinheiro para lhes pagar. O que é certo que em vez de 1 automóvel já tem 3, e 1 camionete tudo à custa do suor do povo trabalhador. Há agricultores que são credores da Moagem de Ponte do Sôr de dezenas de contos, e para lhes tapar a boca vão lhe dando 1 e 2 contos de cada vez. O sr. Felisardo Presado, o ano passado andou negociando em carvoeiros, este ano anda comprando milhas a baixo preço, mas a pronto pagamento com o dinheiro do trigo que comprou que só lá para a próxima primavera é que pagará se pagar.

E' tempo que os agricultores desta região vão aprendendo à sua custa não largando os seus gêneros sem os pagarem, pois se fosse um chefe de família pedir-lhes alguma porção de pão para mitigar a fome aos seus, por um certo prazo estipulado, com certeza que lhe era logo negado, mas aos grandes potentados que são os mais cauteiros entregam-lhes moios e moios, para dar o resultado de receberem o dinheiro às parcelas e com 6 e 12 meses de prazo.—C.

Almada

Mais uma tourada!

ALMADA, 14.—Realiza-se no próximo domingo, na praça de touros desta localidade, mais uma tourada.

O povo trabalhador do concelho de Almada, não deve consentir que em nome duma tradição vergonhosa se dê ao mesmo povo espectáculos que apenas o educam no culto da violência e do crime.

Quere isto dizer que o povo não tem o direito a divertir-se? Não.

Simplesmente quer dizer que se deve desviar do todo o que prejudica. E as touradas são o desenvolvimento do instinto criminal.

Mais uma vez dirigimos o mais veemente apelo aos filarmónicos e ao povo trabalhador do concelho de Almada, que não acorram a estes espectáculos bárbaros que só brutalizam os povos em vez de os educar.—C.

As proezas da G. N. R. em Portimão

PORTIMÃO, 14.—Certamente devido à precipitação que redigi o meu comunicado, de 10 do corrente, algumas inexactidões saíram, que me apresso a rectificar em homenagem à verdade.

Quando procurei acolher-me à autoridade de juiz desta comarca, a fim de fugir a uma violência que nada explicava, disse-me apenas sua ex.ª que nunca fora solidário com violências, pois que para castigar qualquer delito havia a lei e só ela, declarando mais que era tudo quanto podia dizer, dentro do âmbito da sua autoridade de juiz.

Fica desta forma restaurada a verdade e tranquilizada a minha consciência cumprindo este elementar dever.

Quem me aconselhou a fugir foi o defensor dos oprimidos, o nosso camarada José Buisel, como único recurso dentro da situação anormal e revoltante que se observa nesta desgraçada cidade, de onde desapareceu a razão e a justiça.—João Gonçalves Pires.

LUESAN

Anti-sifilítico eficaz, cómodo e económico adoptado por distintos clínicos

Depósitos em Lisboa:
Farmácia Azevedo, Irmão & Veiga—R. do Mundo, 24
Farmácia Azevedo, Filhos—Rossio, 31-32
Depósito no Porto:
Farmácia Dr. Moreno—Largo de São Domingos, 42-44

MARCO POSTAL

Beja.—J. M. Guerreiro.—Não temos livro que deseje.

Porto.—M. A.—Assinatura ficou paga até 31 de Agosto.

Sabóia.—J. R. V.—Suplemento pago até 12 de Setembro, Renovação pago até 30 de Setembro.

Coimbra.—A. Januário.—Os assuntos administrativos devem ser tratados em folha de papel aparte dirigida à nossa administração.

Panoias.—A. G.—Diário e suplemento pagos até 13 de dezembro, Renovação até 15 de novembro.

Ponte de Sôr.—Agente: Recebido 141\$50.

Porto.—M. F.—Suplemento pago até 31 de dezembro.—J. F.—Diário, suplemento e Renovação pagos até 31 de dezembro.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO											
D.	4	11	18	25	HOJE O SOL						
S.	5	12	19	26	Aparece às 6,47						
T.	6	13	20	27	Desaparece às 17,58						
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUN						
Q.	1	8	15	22	L. C. dia 2 às 5,23						
S.	2	9	16	23	Q. M. " 9 " 18,34						
S.	3	10	17	24	L. N. " 17 " 18,6						
S.	10	17	24	31	Q. C. " 24 " 18,38						

MARES DE HOJE		
Praiares	2,03 e 2,19	
Baixamar	7,33 e 7,49	

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$25	95\$50
" Madrid cheque		2\$83
" Paris, cheque		\$89
" Suíça, cheque		\$381
" Bruxelas cheque		\$88
" New-York, cheque		19\$60
" Amsterdão, cheque		7\$93
" Itália, cheque		\$78
" Brasil, cheque		\$293
" Praga, cheque		\$59
" Suécia, cheque		\$530
" Áustria, cheque		\$280
" Berlim, cheque		\$470

ESPECTACULOS

TEATROS

Delfino—A's 21,30—O Leão da Estrela.

Polino—A's 21,15—O Saltimbanco.

Norle Vitoria—A's 20,30 e 22,30—«Batallas».

Coliseu—A's 21—Companhia de circo.

Sala 505—Animatografos e Variedades.

Juvenio—A's 21,30—«Irmãos e A. Gladas».

El Vicente (a Graça)—A's 20—Animatografos.

Grande Parque—Todas as noites—Concursos e diversões.

CINEMAS

Olimpia—Chico Tarrasse—Sala Central—Cinema

Condé—Sala Ideal—Sala Lisboa—Sociedade P. Motora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Espirita—Chantecier—Tivoli—Tortoise.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas nacionais são as melhores.

União Tona Feiteira, Lda., rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do mundo.

Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de terragens do país.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas as pedras, lâmpas, lâmpadas, chamadas de 3 a 5 peças, lampas, vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e 56, quiosque.

Dirigir-se a Francisco Pereira Lata (a casa que torce em melhores condições).

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Capas e índice em separado, 1\$500.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de "A Batalha".

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blenorragias crónicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim, 440—PORTO

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 32\$33

Sapatos em verniz 28\$33

Botas pretas (grande salto) 48\$33

Botas brancas (salto) 28\$33

Grande salto de botas pretas 38\$33

Botas de cor para homem 48\$33

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-24, com Filial na mesma rua, n.º 63.

FOTOGRAFIAS

do Congresso Confederal

Na nossa administração encontram-se à venda fotografias do Congresso Confederal, ao preço de 10\$00.

Satisfazem-se todos os pedidos que venham acompanhados da importância respectiva e mais \$50 para porte de correio.

Livros em espanhol

A' venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure 10\$00

La Revolucion Social em França, Miguel Bakunine (2 volumes) 15\$00

Cartas a uma mulher sobre la anarquia, Luiz Fabri 2\$50

La Ucran a revolucionária, Agustín Souchy 1\$50

Anarquismo y organización, Rodolfo Rocker 1\$00

Entre campesinos, E. Malatesta 1\$00

En Ucran, Rudenko 1\$00

Miguel Bakunine, J. Guillaume 1\$00

Los anarquistas (Estudo e réplica) Lombroso y Mella 5\$00

Errico Malatesta, Max Nettlau 6\$00

Artistas y Rebeldes, R. Rocker 9\$00

Nicolaï, Romain Rolland 4\$00

Soviet o Dictadura, Varin 1\$50

El Estado moderno, Kropotkin 5\$00

Dictadura y Revolucion, Luiz Fabri 10\$00

Bolshevismo y Anarquismo, Rodolfo Rocker 1\$00

Problemas universitários, Lelio O. Leno 1\$00

La Revolucion, José Torralvo 1\$00

Dios y el Estado, M. Bakunine 3\$00

Paginas selectas, Multatuli 3\$00

Ensayos y Conferencias, Pedro Gori 3\$00

Dos años en Rusia, E. Goldman 2\$00

Quinet, Falaiz 10\$00

La pena de muerte, G. Alomar 1\$00

ACABA DE SAÍR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fugoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de "A Batalha".

A Revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkínof. Preço \$50.

Valério, Lopes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

64, R. DO AMPARO, 86—LISBOA — TELE: 3930, N. 1, Gramma, FÁBRIAS 13

!! SENHORAS !!

Garantia absoluta contra as perturbações que a gravidez possa causar

Usai os "Ovules Sterelísatrics" Z. O. L.

Enviam-se instruções pelo correio em carta fechada

A' venda no depósito para Portugal e Colónias—Fernando da Silva, 188, Rua da Madalena, 190, e na Farmácia Mendes Braga, 133, Rua do Mundo, 135; Farmácia Portugal, Rua Augusta, 218, e no Porto: Farmácia Central de Salgado Lencart, Rua 31 de Janeiro, 202.

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Romance original de Mérimée, tradução de Sam. Meyer, 1 volume de 50 páginas 6\$00

Tradução do original polaco de Nierowski por B. Kuhl, com um prefácio de Antoni Grabowski, 1 volume 5\$00

Selos de propaganda esperanta

Muito artísticos, a oito cores e oito motivos, os nossos principismos, utilidade impressa, cada coleção de oito Colagem em album com o retrato de Zamenhof com legenda Solo em português e esperanto, de Fluto 5\$00

Monólogo de Paul Bilhaud, tradução de Fernando Doré, 1 volume de 12 páginas 1\$75

Stranga Heredajo

Mais um original de Layken, o iliz autor do Mirinda Amo. Romance interessante, aconselhado pela crítica, 1 volume 17\$00

Vade Mecum de Internacia Farmacio Por C. Rousseau, 1 volume de 238 páginas 30\$00

Vintrol Fabeloj

De diversos autores, recomendado pela Esperanto Literatura Asocio 5\$00

La Vangfrapo

Comédia em 1 acto por Abraham Dreyfus, tradução de S. Sa. 1 volume de 52 páginas 4\$00

Vivo de Zamenhof

A vida do autor da lingua, com excelentes gravuras, edição de luxo, 1 volume de 109 páginas 26\$50

Vojago Interno de Mia Cambra

Romance de Maistre, traduzido por S. Meyer, 1 volume 4\$00

Vortaro Kabe

Espandido dictionário, só em Esperanto, mas compreensível e remediado a falta do dictionário esperanto-português. Aconselha-se a sua aquisição. Este dictionário, com a Krestomatia, curso elemental e Bldotabulo, faz parte da primeira bagagem do principiante, 1 volume encadernado 12\$00

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º

TELEFONE C. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

Biblioteca de Instrução Profissional

Manuais de officios

Construção Civil

Materiais de construção

Considerações gerais, Pedras de construção, aviaamentos, cal, areias, pozolanas, grãos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc., por João Emilio dos Santos Segurado.

1 volume de 440 páginas, encadernado em percalina 20\$00

Terraplenagens e alicerces

Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre os movimentos da terra, escavações, aterros, trasportes, etc. Reconhecimentos de terreno por meio de pesquisas e sondagens, diversos sistemas de fundações, Drenagens, Descrição geral dos andaimes e escoramentos empregados nas construções. Elementos ornamentais, por João Emilio dos Santos Segurado.

1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina 13\$00

Trabalhos de Carpintaria Civil

Descrição de Terraplenagens, Estudo de samblagens, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construções ligeiras de madeira, portas, janelas, escadas, lambris, etc., por João Emilio dos Santos Segurado.

1 volume de 385 páginas, encadernado em percalina 16\$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas

Descrição dos diferentes tipos de máquinas e de caldeiras de vapor; seu funcionamento; regras gerais para a sua condução e conservação; turbinas; sua classificação e descrição, etc., por Carlos Pedro da Silva.

1 volume de cerca de 400 páginas, encadernado em percalina 20\$00

Fogoeiro

Generalidades; noções gerais; combustíveis; caldeiras de vapor; superfície de aquecimento; depósitos de água, de vapor e tubos condutores; caldeiras gás-tubulares terrestres em artilhas, de fornalha exteriores e interiores; caldeiras aquitubulares de circulação limitada, livre, acelerada e ligeiras; acessórios de superfície de aquecimento, dos depósitos de água e de vapor e aparelhos auxiliares; combustão de líquidos de gases e da carvão pulverizado; bombas e injectores; locomotivas; condução, conservação, acidentes e avarias nas caldeiras, etc., por Antonio Mendes Barata e Raul Boaventura Real.

1 volume de 384 páginas, encadernado em percalina 16\$00

Formador e estuador

Formação e fundição em gesso; endurecimento e bronzeamento do gesso; materiais, ferramentas e utensílios para o trabalho em estuque; estale e escaio; decorações de estuque; fabrico de massas plásticas, por Josef Fuller.

1 volume de 196 páginas, encadernado em percalina 12\$00

Fundidor

Descrição e classificação do ferro, sua fusão e maneira de vasar. Materiais para a moldação, preparação e mão de obra. Diferentes processos de moldar. Fornos diversos, sua construção e maneira de funcionar. Regras e conselhos para se poder evitar imperfeições na fundição. Ligas metálicas. Cálculo e superfícies e volumes. Cálculo de peso etc., por Henrique Francen da Silveira.

1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina 13\$00

Pilagem

Navegação costeira. Navegação estimada. Navegação ortodrônica. Cosmografia. Navegação astronômica. Regulação e rectificação de instrumentos náuticos. Reconhecimento hidrográfico, etc., por Guilherme Ivens Ferraz.

1 volume de 360 páginas, encadernado em percalina 16\$00

Indústria alimentar

Trigo, moagem do trigo; panificação. Diversas espécies de pão. Fabrico de massas, alfarrias, bolachas etc., por Pedro Prostres.

1 volume de 190 páginas, encadernado em percalina 12\$00

Indústria do vidro

Generalidades, claria, potes, flutuadores, mergulhadores, fornos e preparação de matérias primas. Manipulação do vidro e fabricação do vidro fino. Acabamentos e ornamentação. Vidraça e fabricação de grandes chapas de vidro. Diversas qualidades de vidro, Vetros e objectos de fabrico especial, etc., por José Maria de Campos Melo.

1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina 12\$00

Lêde o Suplemento de A BATALHA

Quando Joana, à claridade dos archotes, voltou a Orleans à frente dos cidadãos da cidade, o sino da municipalidade, e todos os das igrejas dobravam com toda a força, as peças de artilharia retumbavam, tudo na cidade era alegria, esperança e entusiasmo; a Donzela com o seu primeiro triunfo, acabava de dar o sinal em como ela era verdadeiramente enviada por Deus. Foi acolhida como uma libertadora pela multidão que a idolatrava.

Joana ao chegar a casa de mestre Tiago Boucher, de quem a mulher e a filha a cobriram de carícias, reuniu os capitães e disse-lhes:

—Deus tem-nos ajudado até aqui, meus senhores; mas nós apenas estamos ao principio da nossa tarefa, acabemo-la prontamente... Ajuda-te, o céo te ajudará!... E' mister que amanhã, ao romper do dia, aproveitemos o desânimo que a nossa vitória de hoje deve ter lançado nos ingleses, voltar ousadamente ao ataque e tomar de assalto as outras bastilhas.

Mas, ah! o termo deste dia tão glorioso para a guerreira devia encher o seu coração de amargura. Du-nois, La Hire e Xaintrailles, muito menos malvols para Joana que os outros capitães, recuaram diante da corajosa resolução da Donzela e taxaram-na de temerária; aproveitando-se desta indecisão funesta, Goucourt e o partido abertamente hostil a Joana fizeram declarar por meio do conselho de guerra (que em presença da solemnidade religiosa do dia seguinte, quinta feira, festa da Ascensão, seria afrontosamente impio ir ao combate, e que o conselho somente se reuniria por volta do meio-dia, a fim de deliberar acerca das medidas que tinha a tomar.

Esta deplorável decisão dava tempo aos ingleses de se restabelecerem da sua derrota e fazia correr o risco de se perderem os frutos da primeira vitória de Joana. A cegueira, a perfidia, ou a cobardia desta gente de guerra a indignaram; angustiada, ela retirou-se para o seu quarto, onde, banhada em lágrimas, ajoelhou e suplicou às suas boas santas que a aconselhassem. De-nois, com os olhos ainda molhados de lágrimas, que

Madalena, sua companheira, enxugava, triste e surpreendida, não podendo compreender a causa dos pesares da sua amiga depois de um dia tão glorioso, Joana adormeceu, evocando no seu pensamento, a fim de se confortar, esta passagem da profecia de Merlin já tão milagrosamente cumprida:

—Oh! muito sangue vejo! muito sangue vejo!... Ele fume! o seu vapor sobe, sobe, como um nevoeiro do outono para o céo, onde retumba o trovão, onde luz o relâmpago!...

—Através desse nevoeiro sanguinolento, vejo uma virgem guerreira; branco é o seu corcel, branca é a sua armadura!...

—Ela batalha, batalha e batalha ainda, no meio de uma floresta de lanças, e parece cavalgar aos ombros dos archeiros inimigos!

Dia de quinta-feira 5 de Maio de 1429

Joana, apesar da ingenuidade do seu carácter leal, já não podia duvidar da má vontade ou da inveja dos chefes de guerra a seu respeito; eles invocavam hipocritamente a santidade do dia de Ascensão, a fim de paralizarem, graças à sua infância calculada, os desejos da guerreira. Nesta extremidade ela pediu conselho às suas vozes misteriosas; mais do que nunca elas foram eco do seu excelente juízo, do seu patriotismo e do seu génio militar. Estas vozes misteriosas lhe responderam:

—Esses capitães, assim como quasi todos os nobres que seguem o officio das armas, estão devorados pela inveja. O seu odio invejoso irrita-se contra ti, pobre rapariga dos campos, porque o teu génio esmagas-os; eles gostariam mais que os ingleses se apoderassem de Orleans do que vêr o céo levantado pela tua valentia. Talvez não recusem abertamente auxiliarte, com medo de excitar a indignação dos seus próprios soldados, e sobretudo das milícias burguesas e da população de Orleans; mas esses cavaleiros oportunistas não traiçoeiramente aos teus projectos, até ao dia

Ainda o 2.º Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

O notável documento que o Nederlandsch Syndikalist Vakverbond da Holanda enviou à reunião de Amsterdão

«Quando se fundou, em fins de 1922, a A. I. T., em Berlim, os partidários do movimento operário sindicalista estavam todos ainda na velha N. A. S., e não existia ainda a Nederlandsch Syndikalistisch Vakverbond, aderente à A. I. T.

Depois do congresso internacional de Berlim, a luta na «National Arbeijds Sekretariat» entre os partidários da Internacional Sindical Vermelha, os comunistas e os nossos camaradas continuou cada vez com mais vigor.

Durante as festas da Páscoa de 1923 realizou-se em Amsterdão o congresso decisivo da N. A. S., que devia resolver o problema «Moscúvia ou Berlim». Os partidários da Internacional estiveram representados no congresso em grande número. Pequenas organizações locais, que nunca tinham podido enviar com os seus próprios meios um delegado, se se manifestavam pró-Moscúvia recebiam meios suficientes das caixas da Federação administradas por comunistas, para que pudessem tomar parte no congresso.

Quando se escamoteou o ponto principal da ordem do dia declararam os nossos camaradas que não tomariam mais parte nos debates, e que só estavam dispostos a apresentar uma declaração. Essa declaração, assinada por uns cinquenta delegados, dizia que os sindicalistas revolucionários não estavam dispostos, no caso em que o congresso resolvesse a adesão à I. S. V., de Moscúvia, a reconhecer essa resolução, e que só poderiam reconhecer a A. I. T. como a única Internacional em que a N. A. S. pudessem ingressar.

Depois da entrega desta declaração, e de terem pronunciado apaixonados discursos os partidários de Moscúvia, resolveu-se com cinco ou seis votos de maioria a adesão a Moscúvia. Em seguida teve lugar um referendo, e Moscúvia, por causa de diversas «manipulações artísticas», recebeu uma maioria duns oitocentos votos.

Como os comunistas estavam convencidos de que a minoria não iria a Moscúvia, iniciaram depois do referendo negociações de compromisso. Durante essas negociações os comunistas continuaram desenvolvendo o seu papel de acordos com o modelo moscovitista. Ainda que declarassem que queriam trabalhar conosco «como camaradas» e «lealmente», pudemos constatar durante essas negociações, que se riam de nós. O secretário da N. A. S., um partidário fanático da I. S. V., declarou abertamente que tinham tomado unanimemente esse compromisso, à pesar de saber que era uma mentira. Quando os seus acólitos lhe chamaram a atenção, disse: «sim, podemos dizê-lo, no futuro entender-nos haremos bem com os berlinenses».

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Para efeito de colocação devem comparecer hoje pelos 14 horas os carpinteiros e pintores que estão inscritos neste organismo.

A Federação Metalúrgica exorta a classe à resistência

Em face da crise latente que se manifesta na indústria metalúrgica, este organismo federativo chama a atenção dos Sindicatos, seus aderentes, afim de os mesmos empregarem todos os esforços, no sentido de oporem uma tenaz resistência aos desígnios da Patronal, que procura por todos os meios levar a cabo um plano de desmedida exploração.

A pretexto da crise de trabalho, o patronato procura encerrar as fábricas e oficinas, seleccionando operários e aumentando assim dia a dia o número dos sem trabalho, mais pouco se importando com essa infâmia pois isso lhe traz mais lucros. E' este o fim da maioria dos industriais metalúrgicos e dos demais patrões que exploram os diversos ramos de indústria.

Perante tal attitude, que fazer? A luta pela vida aconselha-nos a reagir contra a alicata, que sedenta de sangue e ouro, pretende esbulhar-nos das poucas regalias que nos restam e ainda reduzir-nos o mínguao salário, regalias que têm custado vidas e a liberdade de muitas vítimas da reacção capitalista.

A classe operária só resta um caminho a seguir: organizar-se fortemente nos seus sindicatos, e agir enérgicamente contra a torpe cilada patronal acobertada pela crise fictícia.

Na região portuguesa, a indústria a que pertencemos não se lhe pode atribuir falta de trabalho—antes pelo contrário; urge fazermos o indispensável para a normalização do fomento nacional, ou para melhor dizer, devemos seguir a marcha do progresso, dotando o país com todos os elementos necessários às condições de produção industrial como recurso de garantia à existência própria dos seus habitantes.

Para todos os lados que se volvam os olhos, nota-se a falta do indispensável e o que antiquadamente existe, é necessário reparar e actualizar. Por conseguinte o trabalho abunda! O que falta aos senhores da lusa pátria é o tão decantado patriotismo e amor ao progresso.

A Federação Metalúrgica tem ido junto dos poderes constituídos reclamar providências no propósito de atenuar a péssima situação que afecta a classe que representa. Será mais uma vez ou as forem precisas, na condição porém de que os operários metalúrgicos saibam ou queiram corresponder ao apelo da sua Federação de Indústria, pois esta de antemão está convencida que a cura radical reside na acção colectiva de todos os operários que se devem impor pela sua coesão.

O momento não admite vacilações: é de vida ou de morte!

Depois dessas expressões de moral moscovitista, rompemos imediatamente as negociações.

Em princípios de Junho de 1923 resolveram muitos dos nossos camaradas a conferência nacional em Utrecht, que teve lugar em 24 de Junho.

Nessa conferência estiveram representadas 21 organizações de operários da construção civil, metalúrgicos, cigarreiros, operários fabris, operários têxteis, alfaiates e operários de transportes.

Depois duma profunda deliberação, foi discutido o problema se devíamos ou podíamos ficar na N. A. S., ou se devíamos seguir o nosso caminho, e fundar uma nova central sindicalista nas bases de A. I. T.

Foi resolvido actuar-se neste sentido, aprovando-se por unanimidade a última proposta.

A primeira Federação que resolveu a sua adesão foi a Federação dos Mineiros. A segunda foi a Associação Holandesa dos Metalúrgicos de Roterdão. Depois vieram os operários fabris, e em seguida os têxteis, os cigarreiros, os alfaiates, os metalúrgicos e os ferroviários. Fundaram-se novas federações de operários da construção civil e de transportes. Estas últimas eram necessárias porque nas federações de construção civil e dos transportes, aderentes à N. A. S., tinham os seus chefes bolchevistas fabricado uma maioria artificial por Moscúvia.

Uma campanha terrível se iniciou contra nós pelos moscovitistas. Os meios financeiros que tinham as federações de operários fabris, dos têxteis, alfaiates e cigarreiros, nos bancos, foram confiscados com o auxílio de tribunais burgueses por Moscúvia, a pesar de nenhuma das federações ter pensado por um momento em faltar aos seus deveres financeiros para com a N. A. S. A federação dos metalúrgicos de Roterdão com uns 2500 membros foi declarada por proposta da comissão administrativa da N. A. S., em bancarrota pelos tribunais.

Devemos confessar que por causa dessa tática moscovitista a nossa situação tornou-se crítica, além disso, porque rugia então furiosamente a reacção do Estado e dos capitalistas. Como em todos os pontos do estrangeiro, também os capitalistas holandeses se colocaram numa frente aguerida contra os trabalhadores para a abolição das 8 horas de trabalho e redução dos salários. Naturalmente, foram secundados pelo Estado, pelas comunas e autoridades. Uma feroz reacção se produziu tanto no domínio económico como no político. Milhares de operários ficaram sem trabalho, e vegetavam com insuficientes socorros. Em muitas localidades os salários foram reduzidos de 10 a 15 %.

(Continua)

Apenas devemos contar com os nossos esforços, visto que os governantes acabam de alentar o apetite do patronato com o seu decreto de baixa de salário aos operários admitidos à data da lei, nos estabelecimentos fabris do Estado. Até quando seremos as eternas vítimas?...

O bando da alta finança e toda a gentilha assambradora, culpada da miséria do Povo, esfrega as mãos de contente, depois de engendrar a desvalorização da moeda semeando a barafunda entre a família trabalhadora com a subida constante dos géneros de primeira necessidade.

O desequilíbrio de que os lares operários foram vítimas encheu de fome a família trabalhadora.

Engendrou-se uma «medida de salvação», melhando o escudo. Mas a oscilação cambial só a mesma cambada beneficia porque a carestia da vida é cada vez maior. A vida assim é impossível para aqueles que trabalham diariamente! Os punhados de papel infecto que recebemos não chegam para matar a fome a nossos filhos! Lutemos!

Avante pela resistência operária!

A Federação Metalúrgica. Sindicato U. C. Civil de Sintra

SINTRA, 14.—Dia a dia mais se vai vendo a crise de trabalho e é de prever as suas consequências funestas, se por parte do operariado não houver um gesto de repulsa contra os causadores de tão horrível situação.

O Sindicato da Construção Civil de Sintra vai distribuir um manifesto-convide para os operários desta indústria reünirem em assembleia magna e resolver sobre o apoio à Federação para pôr em prática as resoluções que foram tomadas na Conferência de Santarém: a greve geral nacional contra a crise de trabalho.—C.

Secção Telegráfica C. G. T.

Vila Boim.—Sindicato Rural: Esperem delegado em Borba, de passagem de madrugada, para a sessão de propaganda.

Delegação Aldegaia.—Resolvido continuar, mas convem vivas!—C.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Borba.—Associação Rural: Nada resolvam por enquanto com referência ao ofício que enviaram. Informem-se têm contrato escrito de arrendamento.

Federações

MOBILIARIA

Braga.—Domingos Ferreira.—Segue ofício para a sede do Sindicato, responde com brevidade.

Santarém.—Fragoso.—Vê se te é possível responderes.

Sessão de homenagem à memória de alguns livres-pensadores

A direcção desta colectividade resolveu realizar no próximo domingo 18 do corrente, pelas 21 horas, na sua sede, uma sessão solene a fim de comemorar a morte do general Gomes Freire, António José da Silva (O Judeu), Heliodoro Salgado e Ferrer, vítimas das reacções político-religiosas.

A moral dos dirigentes da Federação Marítima

Em face da forma desleal como o caso da attitude da F. M. vem sendo tratada pelos responsáveis de tão lamentável incidente, não podemos conservar nos silenciosos, porque isso seria uma falta grave por nós cometida, o não concretizarmos factos que de algum modo possam desfazer as suas infames insinuações.

Ultimamente têm os dirigentes da F. M. encaminhado a discussão para o campo pessoal e assim nos consideramos com o direito de, mas no entanto e por enquanto ainda não nos queremos utilizar desses processos, pois que seria colocar-nos em iguais circunstâncias.

Têm esses senhores pretendido espalhar com a minha ida ao Seixal, onde fui como delegado dos sindicatos discordantes da attitude da F. M. assistir a uma reunião no Sindicato dos Descarregadores, baseando-se no facto de os ter atacado afirmando serem os comilões da F. M. (o que aliás se pode provar com provas irrefutáveis) pois as suas apreciações são injustas, porque nós, discordantes da sua attitude, em toda a parte onde temos tratado deste assunto tem sido sempre com a máxima lealdade, outro tanto lhes não tem sucedido.

E' essa imparcialidade que nós usamos para demonstrar o que tem sido a sua obra de desprestígio para as classes trabalhadoras, que nos indica a directriz a seguir, e assim continuaremos apontando factos dos muitos que temos para apontar, até trazerem ao conhecimento daqueles que ainda hoje têm dúvidas sobre a sua nefasta orientação, de que parte está a razão.

De facto cheimei-lhes comilões e continuarmos mantendo esta afirmação até que apresentem as contas da F. M., justificando a forma como foi gasto tanto dinheiro, de contrário continuarmos de pé as nossas afirmações.

Alegam esses cavalheiros que afirmo, que de maneira alguma querem largar o tacho, ao mesmo tempo que vão fazendo ver que também ganho dinheiro ao meu sindicato.

E' certo que tenho o meu ordenado como escrivão, mas a minha situação dentro do sindicato é moral ao passo que a deles dentro da federação é imoral.

Se amanhã compreender que uma parte da minha classe não se sente bem com a minha estada no lugar que ocupo, imediatamente pedirei a demissão (o que já fiz em idênticas circunstâncias).

Pois os dirigentes da F. M. ainda se encontram à frente desse organismo, embora contra a vontade da maioria dos sindicatos e ainda com a agravante do secretário geral e o secretário da comissão executiva e relações internacionais não serem federados, pois que os sindicatos de que fazem parte não pagam para a federação.

«Então onde está a moral desses indivíduos que, não sendo federados, estão dirigindo os destinos da F. M. arrastando-a para o campo político, o que há de mais imoral?»

São estes, do mais baixo jaez, sem escrúpulos e sem moral, que vêm atacando nas colunas de O Marítimo, a acção da C. G. T. ao ponto de dizerem não saber para onde vai o dinheiro arrancado aos trabalhadores.

Nós é que poderíamos perguntar aos dirigentes da F. M. porque motivo não apresentaram nem apresentem os balancetes demonstrativos em que gastaram o dinheiro daqueles que para lá têm contribuído, e só eles sabem com que sacrifício, mas não o fazemos porque sabemos muito bem a forma como tem sido gasto.

Em face disto tudo, ainda os marítimos estão na disposição de consentir que intrusos que têm procedido tão illogicamente, continuem tripudiando nos destinos das classes marítimas?

Continuam os marítimos consentindo que indivíduos que não são federados estejam esbanjando o dinheiro que tantos sacrificios lhes tem custado?

Suponho que não! Portanto, se assim, toca a manifestarem-se!

José dos Santos CADETE

(Sindicato no Pessoal de Cámaras)

Na estação ferroviária de Santa Apolónia

Os operários são tiranizados por um chefe estúpido e ignorante

O chefe geral um tal sr. Luís da Cunha, julgando talvez que os operários ganham muito de dinheiro aproveita o mais fútil motivo para os multar.

Ontem, como o operário pedreiro José Carrilho de Matos, no desempenho da sua profissão tivesse beliscado levemente a pintura de uma parede, tanto bastou para que o tiranete lhe mandasse abater meio dia de salário.

Isto dá-se constantemente e parece estar convencionalizado que a C. P. procura fazer-se servir quasi de graça, visto que, além dos salários serem ali muito diminutos, ainda tem a agravar mais a situação dos operários as baixas produzidas pelas multas.

O desaturo vai ao ponto de se fazer pagar aos operários todos os enganos que por ventura tenham nos trabalhos que lhes são distribuídos.

Não contentes com esta indecente tirania, o horário de trabalho é ali completamente desconhecido. Basta dizer que os operários apenas têm 45 minutos para a sua refeição.

Os superintendentes na estação de Santa Apolónia bem sabem com quem lidam! Infelizmente a maior parte do pessoal é recrutado nas imediações do Entroncamento e na sua maioria é gente simplória e ignorante que se curva a todos os vexames.

SOLIDARIEDADE

Pró-família dos deportados

Realizando-se no próximo sábado a festa em seu auxílio apede-se a todos os possuidores de bilhetes que prestem contas hoje, das 20 às 23 horas, na sede do Grupo Dramático Solidariedade Operária, Calçada do Combro, 39-A, 2.º D

A "Sociedade das Malhas" de Coimbra novamente em foco

COIMBRA, 14.—Já por diversas vezes temos lido ocasião de nas colunas deste jornal nos referirmos a casos anormais passados nas diversas fábricas de malhas desta cidade; tem sido, porém, a «Sociedade das Malhas» aquela que maior cópia de assunto nos tem fornecido.

Há meses que a Batalha sustentou uma campanha contra certas immoralidades ocorridas naquela fábrica, entre as quais avultava a dum certo Don Juan, que se distinguia na perseguição de operárias que ali trabalhavam.

Os resultados dessa campanha foram uma vitória para a Batalha, pois que o conselho de administração daquele estabelecimento resolveu substituir a gerência, nomeando outros indivíduos para aquele cargo.

Contava o pessoal que, com a nova gerência, a sua situação—quer moral, quer material—fosse melhorada, o que, aliás, não sucedeu—verificamos pelos relatos que nos têm sido feitos de vários escândalos recentemente ali ocorridos.

Relatemos: A nova gerência é composta por três indivíduos. Porém, quem exerce, de facto, aquele cargo é um capitão reformado, homem já entrado em anos, mas que tem a estultia pretensão de passar por jovem, e tratar, então, de se desfazer em galanteios com as raparigas que considera mais bonitas.

Já chegou a sua audácia ao ponto de fazer propostas desonestas a algumas, que as têm repellido indignadamente. A uma dessas raparigas, que habita nos arredores, em Coselhas, convidou-a a ir a sua casa, de noite, prometendo-lhe fazer a sua felicidade, junto com o palavreiro costumeado nestes casos. A pequena, com receio de represálias, prometeu aparecer, mas indo lavada em lágrimas referir a algumas companheiras o facto, esta aconselham-na a que não cumprisse a promessa.

Dentre as raparigas, há uma que ele distingue com as suas deferências, raro sendo o dia em que a não chama para junto de si, onde a obriga a estar horas seguidas com grave escândalo de todo o pessoal.

Essa operária, segundo nos referem, com a levandade própria da idade, não se mostra muito esquivada aos galanteios do pretencioso Don Juan. O pior é esta valer-se da situação—pouco honrosa—de favorita, para induzir o seu apaixonado à prática de actos violentos, como o que vamos relatar.

Numa das ocasiões em que o gerente chamou a referida rapariga, esta, para o atender, deixou ficar a corrente eléctrica ligada à máquina em que trabalhava, dando em resultado as agulhas partirem-se, devido à máquina ficar trabalhando em falso. Ao regressar do palatário, a cachopa verificando o estado da máquina, lançou as culpas sobre um rapazito, aprendiz, de quem se foi queixar ao gerente. Este querendo ser agradável à menina, e não obstante o pessoal ser unânime em declarar que o pequeno culpa alguma tivera do caso, agrediu tão violentamente o rapaz, que este caiu redondamente no chão.

Este covarde procedimento irritou profundamente a sensibilidade das mulheres, que verificaram a injustiça de que a criança fora vítima.

A rapariga, que tão inconscientemente se presta a um papel tão ignominioso, daqui aconselhamos—se por acaso nos ler—que se não deixe enredar na teia que o seu Adonis lhe vai armando e pese bem a antipatia que a sua attitude acarreta para com as suas companheiras de trabalho—afinal tão vítimas e tão exploradas como ela.

Terminamos por hoje, na persuasão de que estas breves linhas revelarão ao leitor o perfil moral do cavalheiro que, no desempenho do seu cargo, manifesta altissonante mente as suas preferências pelas raparigas de 15 a 25 anos.—C.

A MOAGEM DO BEATO CONTINUA A ACHINCALHAR A MISERIA DOS SEUS ESCRAVOS

A ventrada Fábrica de Moagem do Beato, essa mesma que se ergueu magestática sobre os estómagos envenenados do povo pelas mixórdias farinadas que ela por alto preço tem fornecido, procede nos seus domínios como absoluta senhora, com direitos extremos sobre os seus explorados.

A nossa local de ontem apavorou-a. Perpassou-lhe, talvez, pela mente incandescente da orgia de ouro, a visão do exército enorme de milhares e milhares de vítimas das suas tranqüilidades e da sua rapacidade a exigir-lhe contas pelos males que tem produzido.

Afinal... quasi nada: Apenas uma referência a factos de hoje, pequeníssimos e banais factos em presença dos grandes factos que deram razão de ser a esse potentado. Porém, os ocorridos agora, na sua comparativa banalidade, são monstruosos, porque lançaram para a rua, para o desemprego e seguinte miséria, alguns trabalhadores.

E a soberana Moagem persiste no seu gesto; ontem, mais vinte operários foram despedidos sem qualquer pretexto, continuando escarninhando o trabalho em horas suplementares, alentado e vigiado pelo capataz da roça, Viana, que, todo anco da sua autoridade, ameaça fazer mais despedimentos, para garantir mais trabalho nocturno aos carroceiros e ajudantes de chauffeur seus apañiguados.

A propósito da nossa local, o capataz-roceiro vociferou e jurou que havia de descobrir os nossos informadores para os castigar. Que descanses o sr. Viana... A Batalha ouve e vê tudo. A's vezes até adivinha; e, neste caso, o sr. Viana não reparou, mas nós lá estávamos invisíveis a assistir ao seu impotente desespero.

E atentos estamos, dispostos a escalpizar o mau procedimento dos vianes, dos amarelos e dos ermetes piores, que usufruindo do esforço dos outros, abusam da sua ignorância e cobardia, reduzindo-os a mais miserável situação.

A Moagem do Beato está a pedir vasculho... nós a vasculharemos, para amarrar ao pelourinho da execração pública aqueles que, pelos seus actos, tal mereçam.

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Conselho Geral

Reünio-se anteontem o conselho geral da Câmara Sindical com a presença dos seguintes organismos: Confeiteiros e Pastelheiros, Condutores de Carroças, Operários Alfaiates, Manipuladores de Pão, Empregados Menores do Comércio e Indústria, Litógrafos e Anexos, S. U. da Construção Civil, S. U. Metalúrgico, Manipuladores de Calçado, Operários Chapeleiros, S. U. Mobiliário, Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa, Impressores Tipográficos, Presidiu Ernesto Bonifácio, secretariado por Alfredo Martins e Jaime de Oliveira e Castedo. Leu-se o expediente que constava dum offício do Sindicato dos Operários Alfaiates comunicando a nomeação de mais um delegado ao Conselho, o camarada José da Horta Amorim, que é aceite, e outro do Sindicato dos Manipuladores de Pão comunicando que foram nomeados delegados ao Conselho os camaradas Alfredo Borges Gambôa, Sebastião Marques e José de Brito.

Entrou-se no primeiro número da ordem dos trabalhos, que é a situação da Comissão Instaladora, tendo Abraão Coimbra exposto ao conselho a situação em que se encontra a Comissão Instaladora em relação aos trabalhos que a Câmara tem a realizar. Em seguida refere-se às faltas consecutivas do secretário geral, assim como do secretário adjunto. Neste sentido deseja que o conselho se pronuncie sobre o assunto.

Jaime Tiago dá explicações como têm decorrido os trabalhos dentro da Comissão Instaladora e por isso concorda com a opinião expendida por Coimbra.

Eduardo Ortiz protesta contra a não comparencia na Comissão Instaladora do secretário geral e secretário adjunto, sendo de opinião que devem ser substituídos, tanto mais que os estatutos da Câmara Sindical prevêm isso, e neste sentido envia um documento para a mesa. Assis lamenta que estes casos se verifiquem tanto mais—diz—sendo Rozendo José Viana um militante antigo da organização, por esse facto não, faz sentido que assim deixe de comparecer na reunião, tanto mais que há trabalhos a realizar tais como o Congresso anual, não havendo nada feito neste sentido.

Posto à aprovação o documento de Ortiz foi aprovado por unanimidade, sendo em seguida nomeado secretário adjunto Eduardo Ortiz, delegado do Sindicato Metalúrgico, visto a forma como o Conselho estava constituído, não permitir poder-se arranjar neste momento um secretário geral.

Jaime Tiago alvitra para que o camarada nomeado para secretário adjunto exerça as funções de secretário geral até à próxima reunião do Conselho, onde então com uma possível melhor representação de delegados, se possa nomear um camarada para esse cargo. Posto a votação este alvitre foi aprovado ficando Ortiz exercendo as funções de secretário geral até à próxima reunião do Conselho.

Em seguida é lida a circular n.º 52 da C. G. T. que indicava para que a C. S. T. nomeasse os delegados ao Conselho Confederal, sendo nomeados Alexandre Assis, e o secretário geral interino Eduardo Ortiz.

Em seguida é tratada a situação do Sindicato dos Condutores de Carroças, tendo falado sobre o assunto Tiago e Ortiz, o primeiro para dar explicações ao Conselho sobre a sua attitude dentro daquele sindicato quando delegado da C. S. T. junto do mesmo, e o segundo para lamentar que a C. S. T. tenha que ter um delegado permanente junto daqueles camaradas.

Em seguida Assis propõe para que a Comissão Instaladora chame a direcção daquele sindicato a fim de a mesma dar explicações sobre o assunto, e caso esses indivíduos não compareçam a C. S. T., possa reunir a assembleia geral dessa classe, a fim de nomearem outra direcção. Neste sentido ficou incumbida a Comissão Instaladora de officiar aos membros da direcção dos Condutores de Carroças para uma reunião conjunta.

A Comissão pró-regresso dos deportados deu conta dos trabalhos pela mesma realizados, a fim de conseguir o seu regresso, demonstrando os mesmos camaradas que, em vista dos governantes continuarem surdos em não quererem ouvir a voz da justiça e da razão, já não bastava só realizarem-se conferências, sendo os mesmos de opinião que os sindicatos devem realizar sessões de agitação a fim de tornar mais homogênea e mais forte esta campanha de justiça, que é o regresso a metrópole aqueles que foram injustamente atirados para as plagas africanas e todos os presos que estiverem pelas esquadras restituídos a liberdade ou se porventura têm culpas enviados aos tribunais.

Sobre este assunto manifestaram-se alguns delegados sendo aprovado um documento para que a Comissão Instaladora officie aos sindicatos convidando-os a realizar sessões de agitação pró-regresso dos deportados, onde falarão delegados da C. S. T. e Comissão pró-regresso dos deportados.

Antes de encerrar a sessão o delegado do sindicato dos Alfaiates fez sentir à Comissão Instaladora para que no próximo Conselho seja presente o relatório do delegado ao Congresso Confederal. Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a sessão.

COMUNICAÇÕES

Manipuladores de Pão.—Reüniram as comissões administrativa e de melhoramentos e apreciando a prisão, no dia 11, de Manuel Esteves Barroso e António Esteves Barroso, resolveram protestar contra a sua manutenção nos calabouços do governo civil, pois já houve tempo de averiguar a sua inocência, visto que no dia do atentado se encontravam ao serviço, tendo testemunhas suficientes como sejam os seus colegas de officina, o fiscal da área e o caixeiro da padaria.

Sindicato da Construção Civil.—Sec-

ção do Alto do Pina.—Reünio a comissão administrativa tendo resolvido de acordo com a comissão mista de propaganda sindical, montar a instalação eléctrica na sede.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina.—Reünio anteontem, resolvendo realizar uma sessão de propaganda sindical na próxima quarta-feira, 21 do corrente, na sede da Secção da Construção Civil do Alto do Pina, e apreciar as circulares que foram enviadas a vários sindicatos para que seja prestada solidariedade a esta comissão, resolvendo também realizar uma festa no dia 28 de Novembro para atender às despesas a fazer com os melhoramentos da sede onde está instalada esta comissão e as secções sindicais do Alto do Pina.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Federação do Livro e do Jornal.—O secretariado, pelas 18,30 horas, juntamente com os camaradas nomeados no Congresso a fim de tomarem posse.

Pessoal dos Reboadores e Gasolinhas.—Pelas 19 horas, para tratar de assuntos de alta importância para a classe, pedindo-se a comparencia de todos os sócios.

Litógrafos e Anexos.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa. A mesma hora a comissão revisora de contas. E' imprescindível a comparencia de qualquer membro. Os delegados de officina devem comparecer a fim de prestar contas.

S. U. Civil.—Secção do Alto do Pina.—Pelas 20 horas, a comissão de melhoramentos pró sede.

Trabalhadores do Tráfego.—A assembleia geral, pelas 20 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: Leitura do relatório do Congresso Confederal, e Conferência Marítima e Parecer da Comissão Revisora de Contas.

S. U. do Mobiliário.—A comissão de resistência contra a baixa de salários, nomeada na assembleia de ontem, pelas 21 horas.

Corticeiros de Belém.—A's 17 horas (largada do trabalho), para os seguintes assuntos: 1.º. Apreciar um offício da Federação Corticeira; 2.º. Apreciar a segunda baixa dos salários que os industriais pretendem fazer a partir da primeira semana de Novembro; 3.º. Apresentação de contas dos meses de Julho e Agosto; 4.º. Outros assuntos.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Sindicato da C. Civil de Sintra.—Reúne hoje, pelas 19,30 horas, a comissão administrativa, para assunto urgente.

Liga das Artes da Viação Portuense.—Reúne a comissão administrativa que depois de dar expediente a vários assuntos, apreciou uma nota publicada na República Social, que se presta a caluniar este organismo, dizendo que o seu delegado ao Congresso Confederal não fora nomeado em assembleia geral. Verberon-se o procedimento dos seus orientadores, que só têm em vista deturpar a organização operária, porque eles sabem muito bem que se efectuou a assembleia geral em 25 de Agosto, às 21 horas, e em segunda convocação, nomeando o delegado assim como tratou doutros assuntos relatados em O Jornal de Notícias e A Batalha.

Construção Civil de Pareda.—Reúne em assembleia geral para tratar de vários assuntos entre eles o desrespeito ao horário de trabalho. Quirino Fernandes verberou enérgicamente os indivíduos que atraíam o horário de trabalho, demonstrando a necessidade de se nomear os respectivos fiscais, recaído a escolha nos seguintes:

Carlos Francisco, Manuel Henrique Paulo, João Berto, Manuel Gomes, Augusto Moreira e Armando Ramos. «Foi também nomeado João Moreira para juntamente com os delegados de Tires e Cascais entrevistarem o delegado do governo, a fim de atenuar a crise de trabalho que afecta o operariado destas localidades.

JUVENUTDES SINDICALISTAS Federação.—Comité Central.—Reúne pelas 20 horas, com a comparencia do secretário do Conselho nomeado ultimamente Nucleo de Lisboa.—Assembleia Geral Prosseguir na ordem de trabalhos e resolve continuar na próxima quinta-feira.

Nucleo do Porto.—Secção da Carris.—Convida todos os trabalhadores em geral e em especial todos os jovens sindicalistas da cidade do Porto a assistir à sessão de propaganda que esta secção realiza amanhã, 17, pelas 20 horas, na qual tomará parte o velho militante Serafim Lucena e vários jovens do Nucleo Central.

As autoridades da Sintra e a lei SINTRA, 14.—Ha meses que foi publicada a lei 10.782, sem que o delegado do governo a fizesse cumprir. Este cavalheiro é industrial e o substituto comerciante. Vamos a ver agora se se cumpre a lei. No Casino continua-se a desrespeitá-la. Os empregados de comércio não têm horário pois trabalham 10 e 12 horas por dia, desprezando o seu sindicato, com o que os comerciantes se regojizam.